

Os Três Porquinhos

Teorias Sociológicas Clássicas

Conteúdo

Páginas

Karl Marx	1
Émile Durkheim	12
Max Weber	16

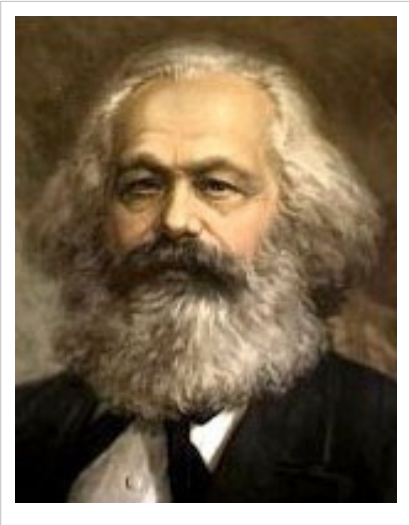

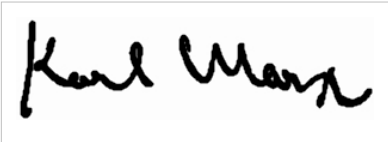
Referências

Fontes e Editores da Página	31
Fontes, Licenças e Editores da Imagem	32

Licenças das páginas

Licença	33
---------	----

Karl Marx

Karl Marx	
	
Nome completo	Karl Heinrich Marx
Nascimento	5 de Maio de 1818 Tréveris, Renânia-Palatinado Alemanha
Morte	14 de março de 1883 (64 anos) Londres, Inglaterra Reino Unido
Nacionalidade	 Alemã
Ocupação	Economista, sociólogo, historiador e filósofo
Magnum opus	<i>O Capital</i>
Escola/tradição	Marxismo (co-fundador, junto com Engels)
Principais interesses	Sociologia, economia, história, política, teoria social, ideologia
Ideias notáveis	transição gradual para o comunismo, ditadura do proletariado, materialismo histórico, materialismo dialético, socialismo científico, modo de produção, mais-valia, luta de classes, teoria marxista da ideologia, teoria marxista da alienação
Influências	
Influenciados	
Assinatura	

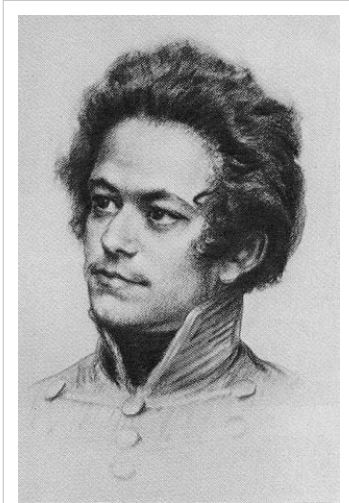
Karl Heinrich Marx (Tréveris, 5 de maio de 1818 — Londres, 14 de março de 1883) foi um intelectual e revolucionário alemão, fundador da doutrina comunista moderna, que atuou como economista, filósofo, historiador, teórico político e jornalista.

O pensamento de Marx influencia várias áreas, tais como Filosofia, História, Direito, Sociologia, Literatura, Pedagogia, Ciência Política, Antropologia, Biologia, Psicologia, Economia, Teologia, Comunicação, Administração,

Design, Arquitetura, Geografia e outras. Em uma pesquisa realizada pela Radio 4, da BBC, em 2005, foi eleito o maior filósofo de todos os tempos.^[1]

Biografia

Juventude



Karl Marx adolescente.

Karl Marx foi o último de sete filhos, de origem judaica de classe média da cidade de Tréveris, na época no Reino da Prússia. Sua mãe, Henri Pressburg (1771–1840), era judia holandesa e seu pai, Herschel Marx (1759–1834), um advogado e conselheiro de Justiça. Herschel descende de uma família de rabinos, mas se converteu ao cristianismo luterano em função das restrições impostas à presença de membros de etnia judaica no serviço público, quando Marx ainda tinha seis anos.^[2] Seus irmãos eram Sophie (d. 1883), Hermann (1819-1842), Henriette (1820-1856), Louise (1821-1893), Emilie (adotado por seus pais), Caroline (1824-1847) e Eduard (1834-1837).

Em 1830, Marx iniciou seus estudos no Liceu Friedrich Wilhelm, em Tréveris, ano em que eclodiram revoluções em diversos países europeus. Ingressou mais tarde na Universidade de Bonn para estudar Direito, transferindo-se no ano seguinte para a Universidade de Berlim, onde o filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel, cuja obra exerceu grande influência sobre Marx, foi professor e reitor.^[2] Em Berlim, Marx ingressou no Clube dos Doutores, que era liderado

por Bruno Bauer. Ali perdeu interesse pelo Direito e se voltou para a Filosofia, tendo participado ativamente do movimento dos Jovens Hegelianos. Seu pai faleceu neste mesmo ano.^[2] Em 1841, obteve o título de doutor em Filosofia com uma tese sobre as "*Diferenças da filosofia da natureza em Demócrito e Epicuro*".^[2] Impedido de seguir uma carreira acadêmica,^[3] tornou-se, em 1842, redator-chefe da Gazeta Renana (*Rheinische Zeitung*), um jornal da província de Colônia;^[4] conheceu Friedrich Engels neste mesmo ano, durante visita deste a redação do jornal.^[2]

Envolvimento político

Em 1843, a Gazeta Renana foi fechada após publicar uma série de ataques ao governo prussiano. Tendo perdido o seu emprego de redator-chefe, Marx mudou-se para Paris. Lá assumiu a direção da publicação Anais Franco-Alemães e foi apresentado a diversas sociedades secretas de socialistas. Antes ainda da sua mudança para Paris, Marx casou-se, no dia 19 de junho de 1843, com Jenny von Westphalen,^[2] a filha de um barão da Prússia com a qual mantinha noivado desde o início dos seus estudos universitários.^[5] (Noivado que foi mantido em sigilo durante anos, pois as famílias Marx e Westphalen não concordavam com a união.^[6])



Do casamento de Marx com Jenny von Westphalen, nasceram cinco filhos: Franziska, Edgar, Eleanor, Laura e Guido, além de um natimorto. Ao que consta, Franziska, Edgar e Guido morreram na infância, provavelmente pelas péssimas condições materiais a que a família estava submetida.^[7] Marx também teve um filho nascido de sua relação amorosa com a militante socialista e empregada da família Marx, Helena Demuth. Solicitado por Marx, Engels assumiu a paternidade da criança, Frederick Delemuth, e pagando uma pensão, entregou-o a uma família de um bairro proletário de Londres.^[8]

No tratamento pessoal — Leandro Konder ressalta — Marx foi produto de seu tempo: "*Antes de poder contestar a sociedade capitalista Marx pertencia a ela, estava espiritualmente mais enraizado no solo da sua cultura do que admitiria*", e que diante dos padrões da Inglaterra vitoriana mostrou: "*traços típicos das limitações de seu tempo*". Como moças aristocráticas, suas filhas tinham aulas de piano, canto e desenho, mesmo que não tivessem desenvoltura para tais atividades artísticas.^[8]

Também em 1843, Marx conheceu a Liga dos Justos (que mais tarde tornar-se-ia Liga dos Comunistas).^[2] Em 1844, Friedrich Engels visitou Marx em Paris por alguns dias. A amizade e o trabalho conjunto entre ambos, que se iniciou nesse período, só seria interrompido com a morte de Marx.^[5] Na mesma época, Marx também se encontrou com Proudhon, com quem teve discussões polêmicas e muitas divergências. E conheceu rapidamente Bakunin, então refugiado do czarismo russo e militante socialista. No seu período em Paris, Marx intensificou os seus estudos sobre economia política, os socialistas utópicos franceses e a história da França, produzindo reflexões que resultaram nos *Manuscritos de Paris*, mais conhecidos como Manuscritos Econômico-Filosóficos. De acordo com Engels, foi nesse período que Marx aderiu às ideias socialistas.^[5]

De Paris, Marx ajudou a editar uma publicação de pequena circulação chamada *Vorwärts!*, que contestava o regime político alemão da época. Por conta disto, Marx foi expulso da França em 1845 a pedido do governo prussiano. Migrou então para Bruxelas, para onde Engels também viajou.^[5] Entre outros escritos, a dupla redigiu na Bélgica o Manifesto comunista. Em 1848, Marx foi expulso de Bruxelas pelo governo belga. Junto com Engels, mudou-se para Colônia, onde fundam o jornal Nova Gazeta Renana.^[2] Após ataques às autoridades locais publicados no jornal, Marx foi expulso de Colônia em 1849. Até 1848, Marx viveu confortavelmente com a renda oriunda de seus trabalhos, seu salário e presentes de amigos e aliados, além da herança legada por seu pai.^[6] Entretanto, em 1849 Marx e sua família enfrentaram grave crise financeira; após superarem dificuldades conseguiram chegar a Paris, mas o governo francês proibiu-os de fixar residência em seu território. Graças, então, a uma campanha de arrecadação de donativos promovida por Ferdinand Lassalle na Alemanha, Marx e família conseguem migrar para Londres, onde fixaram residência definitiva.^[2]

Durante a vida de Marx, suas ideias receberam pouca atenção de outros estudiosos. Talvez o maior interesse tenha se verificado na Rússia, onde, em 1872, foi publicada a primeira tradução do Tomo I d'O Capital. Na Alemanha, a teoria de Marx foi ignorada durante bastante tempo, até que em 1879 um alemão estudioso da Economia Política, Adolph Wagner, comentou o trabalho de Marx ao longo de uma obra intitulada *Allgemeine oder theoretische Volkswirtschaftslehre*. A partir de então, os escritos de Marx começaram a atrair cada vez mais atenção.^[14]

Nos primeiros anos após a morte de Marx, sua teoria obteve crescente influência intelectual e política sobre os movimentos operários (ao final do século XIX, o principal *locus* de debate da teoria era o Partido Social-Democrata alemão) e, em menor proporção, sobre os círculos acadêmicos ligados às ciências humanas – notadamente na Universidade de Viena e na Universidade de Roma, primeiras instituições acadêmicas a oferecerem cursos voltados para o estudo de Marx.^[14]

Marx foi herdeiro da filosofia alemã, considerado ao lado de Kant e Hegel um de seus grandes representantes. Foi um dos maiores (para muitos, o maior) pensadores de todos os tempos, tendo uma produção teórica com a extensão e densidade de um Aristóteles, de quem era um admirador. Como filósofo, se posiciona muito mais numa supra-filosofia, em que "realizar" a filosofia é antes "aboli-la", ou ao realizá-la, ela e a realidade se transformam na práxis, a união entre teoria e prática.^[carece de fontes?]

A teoria marxista é, substancialmente, uma crítica radical das sociedades capitalistas. Mas é uma crítica que não se limita a teoria em si. Marx, aliás, se posiciona contra qualquer separação drástica entre teoria e prática, entre pensamento e realidade, porque essas dimensões são abstrações mentais (categorias analíticas) que, no plano concreto, real, integram uma mesma totalidade complexa.^[15]

O marxismo constitui-se como a concepção materialista da História, longe de qualquer tipo de determinismo, mas compreendendo a predominância da materialidade sobre a ideia, sendo esta possível somente com o desenvolvimento daquela, e a compreensão das coisas em seu movimento, em sua inter-determinação, que é a dialética. Portanto, não é possível entender os conceitos marxianos como forças produtivas, capital, entre outros, sem levar em conta o processo histórico, pois não são conceitos abstratos e sim uma abstração do real, tendo como pressuposto que o real é movimento.^[carece de fontes?]

Karl Marx compreende o trabalho como atividade fundante da humanidade. E o trabalho, sendo a centralidade da atividade humana, se desenvolve socialmente, sendo o homem um ser social. Sendo os homens seres sociais, a História, isto é, suas relações de produção e suas relações sociais fundam todo processo de formação da humanidade. Esta compreensão e concepção do homem é radicalmente revolucionária em todos os sentidos, pois é a partir dela que Marx irá identificar a alienação do trabalho como a alienação fundante das demais. E com esta base filosófica é que Marx compreende todas as demais ciências, tendo sua compreensão do real influenciado cada dia mais a ciência por sua consistência.^[carece de fontes?]

Influências

Algumas das principais leituras e estudos feitos por Marx são:^[16]

- A doutrina de Hegel;
- O materialismo de Feuerbach;
- O socialismo utópico francês (representado por Saint-Simon, Louis Blanc e Proudhon);
- E a economia política clássica britânica (representada por Adam Smith e David Ricardo).

Ele estudou profundamente todas essas concepções ao mesmo tempo em que as questionou e desenvolveu novos temas, de modo a produzir uma profunda reorientação no debate intelectual europeu.^[16]

Influência da doutrina de Hegel

Hegel foi professor da Universidade de Iena, a mesma instituição onde Marx cursou o doutorado. E, em Berlim, Marx teve contato prolongado com as ideias dos Jovens Hegelianos (também referidos como Hegelianos de Esquerda). Os dois principais aspectos do sistema de Hegel que influenciaram Marx foram sua filosofia da história e sua concepção dialética.^[17]

Para Hegel, nada no mundo é estático, tudo está em constante processo (*vir-a-ser*); tudo é histórico, portanto. O sujeito desse mundo em movimento é o *Espírito do Mundo* (ou *Superalma*; ou *Consciência Absoluta*), que representa a consciência humana geral, comum a todos indivíduos e manifesta na ideia de Deus. A historicidade é concebida enquanto história do progresso da *consciência da liberdade*. As formas concretas de organização social correspondem a imperativos ditados pela consciência humana, ou seja, a realidade é determinada pelas ideias dos homens, que concebem novas ideias de como deve ser a vida social em função do conflito entre as *ideias de liberdade* e as *ideias de coerção* ligadas a condição natural ("selvagem") do homem. O homem se liberta progressivamente de sua condição de existência natural através de um processo de "espiritualização" – reflexão filosófica (ao nível do pensamento, portanto) que conduz o homem a perceber quem é o real sujeito da história.^[17]
[18]

Marx considerou-se um hegeliano de esquerda durante certo tempo, mas rompeu com o grupo e efetuou uma revisão bastante crítica dos conceitos de Hegel após tomar contato com as concepções de Feuerbach. Manteve o entendimento da história enquanto progressão dialética (ou seja, o mundo está em processo graças ao choque permanente entre os opostos; não é estático), mas eliminou o *Espírito do Mundo* enquanto sujeito ou essência, porque passou a compreender que a origem da realidade social não reside nas ideias, na consciência que os homens têm dela, mas sim na ação concreta (material, portanto) dos homens, portanto no trabalho humano. A existência material precede qualquer pensamento; inexistente possibilidade de pensamento sem existência concreta. Marx inverte, então, a dialética hegeliana, porque coloca a materialidade – e não as ideias – na gênese do movimento histórico que constitui o mundo. Elabora, assim, a *dialética materialista* (conceito não desenvolvido por Marx, que também costuma ser referida por *materialismo dialético*).^[17] [19]

“ A mistificação por que passa a dialética nas mãos de Hegel não o impede de ser o primeiro a apresentar suas formas gerais de movimento, de maneira ampla e consciente. Em Hegel, a dialética está de cabeça para baixo. É necessária pô-la de cabeça para cima, a fim de descobrir a substância racional dentro do invólucro místico.^[20] ”

A respeito da influência de Hegel sobre Marx, escreveu Lenin que

“ (...) é completamente impossível entender *O Capital* de Marx, e, em especial, seu primeiro capítulo, sem haver estudado e compreendido a fundo toda a lógica de Hegel.^[21] ”

Influência do materialismo de Feuerbach

Ludwig Feuerbach foi um filósofo materialista que atraiu muita atenção de intelectuais de sua época. Publicou, em 1841, uma obra (*Das Wesen des Christentums – A essência do cristianismo*) que teve influência importante sobre Marx, Engels e os Jovens Hegelianos. Nela, Feuerbach criticou duramente Hegel, e afirmou que a religião consiste numa projeção dos desejos humanos e numa forma de alienação. É de Feuerbach a concepção de que em Hegel a lógica dialética está "de cabeça para baixo", porque apresenta o homem como um atributo do pensamento ao invés do pensamento como um atributo do homem. Sem dúvida, o contato de Marx com as ideias feuerbachianas foi determinante para a formulação de sua crítica radical da religião e das "concepções invertidas" de Hegel.^[17]

Influência do socialismo utópico francês

Por socialismo utópico costumava-se designar, à época de Marx, um conjunto de doutrinas diversas (e até antagônicas entre si) que tinham em comum, entretanto, duas características básicas: todas entendiam que a base determinante do comportamento humano residia na esfera moral/ideológica e que o desenvolvimento das civilizações ocidentais estava a permitir uma nova era onde iria imperar a harmonia social. Marx criticou sagazmente as ideias dos socialistas utópicos (principalmente dos franceses, com os quais mais polemizou), acusando-os de muito romantismo ingênuo e pouca (ou nenhuma) dedicação ao estudo rigoroso da conjuntura social, pois os socialistas utópicos muito diziam sobre como deveria ser a sociedade harmônica ideal, mas nada indicavam sobre como seria possível alcançá-la plenamente. Por outro lado, pode-se dizer que, de certa forma, Marx adotou – explícita ou implicitamente – algumas noções contidas nas ideias de alguns dos socialistas utópicos (como, por exemplo, a noção de que o aumento da capacidade de produção decorrente da revolução industrial permite condições materiais mais confortáveis à vida humana, ou ainda a noção de que as crenças ideológicas do sujeito^[22] lhe determinam o comportamento).^[17]

Influência da economia política clássica britânica

Marx empreendeu um minucioso estudo de grande parte da teoria econômica ocidental, desde escritos da Grécia antiga até obras que lhe eram contemporâneas. As contribuições que julgou mais fecundas foram as elaboradas por dois economistas políticos britânicos, Adam Smith e David Ricardo (tendo predileção especial por Ricardo, a quem referia como "o maior dos economistas clássicos"). Na obra deste último, Marx encontrou conceitos – então bastante utilizados no debate britânico – que, após fecunda revisão e re-elaboração, adotou em definitivo (tais como os de valor, divisão social do trabalho, acumulação primitiva e mais-valia, por exemplo). A avaliação do grau de influência da obra de Ricardo sobre Marx é bastante desigual. Estudiosos pertencentes à tradição neo-ricardiana tendem a considerar que existem poucas diferenças cruciais entre o pensamento econômico de um e outro; já estudiosos ligados à tradição marxista tendem a delimitar diferenças fundamentais entre eles.^[17] ^[23]

Crítica da religião

Para Marx a crítica da religião é fundamental à crítica da exploração, pois crê que as concepções religiosas tendem a desresponsabilizar os homens pelas consequências de seus atos.^[17] Marx tornou-se reconhecido como crítico sagaz da religião devido a sentença que profere em um escrito intitulado *Crítica da filosofia do direito de Hegel*: "A religião é o suspiro da criatura oprimida, o coração de um mundo sem coração, assim como é o espírito de uma situação carente de espírito. É o ópio do povo."^[24] Em verdade, Marx se ocupou muito pouco em criticar sistematicamente a atividade religiosa. Nesse quesito ele basicamente seguiu as opiniões de Ludwig Feuerbach, para quem a religião não expressa a vontade de nenhum Deus ou outro ser metafísico: é criada pela fabulação dos homens.^[24]

Revolução

Apesar de alguns leitores de Marx adjetivarem-no de "teórico da revolução", inexistem em suas obras qualquer definição conceitual explícita e específica do termo revolução.^[25] O que Marx oferece são descrições e projeções históricas inspiradas nos estudos que fez acerca das revoluções francesa, inglesa e norte-americana.^[17] Um exemplo de prognóstico histórico desse tipo encontra-se em *Contribuição para a crítica da Economia Política*:

“

Numa certa etapa do seu desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes ou, o que é apenas uma expressão jurídica delas, com as relações de propriedade no seio das quais se tinham até aí movido. De formas de desenvolvimento das forças produtivas, estas relações transformam-se em grilhões das mesmas. Ocorre então uma época de revolução social.^[26]

”

Em geral, Marx considerava que toda revolução é necessariamente violenta, ainda que isso dependa, em maior ou menor grau, da constrição ou abertura do Estado. A necessidade de violência se justifica porque o Estado tenderia

sempre a empregar a coerção para salvaguardar a manutenção da ordem sobre a qual repousa seu poder político, logo, a insurreição não tem outra possibilidade de se realizar senão atuando também violentamente. Diferente do apregoado pelos pensadores contratualistas, para Marx o poder político do Estado não imana de algum consenso geral, é antes o poder particular de uma classe particular que se afirma em detrimento das demais.^[25]

Importante notar que Marx não entende revolução enquanto algo como reconstruir a sociedade a partir de um zero absoluto. Na *Crítica ao Programa de Gotha*, por exemplo, indica claramente que a instauração de um novo regime só é possível mediada pelas instituições do regime anterior. O novo é sempre gestado tendo o velho por ponto de partida.^[25] A revolução proletária, que instauraria um novo regime sem classes, só obteria sucesso pleno após a conclusão de um período de transição que Marx denominou socialismo.^[17]

Crítica ao Anarquismo

Criticou o anarquismo por sua visão tida como ingênua do fim do Estado onde se objetiva acabar com o Estado "por decreto", ao invés de acabar com as condições sociais que fazem do Estado uma necessidade e realidade. Na obra *Miséria da Filosofia* elabora suas críticas ao pensamento do anarquista Proudhon. Ainda, criticou o blanquismo com sua visão elitista de partido, por ter uma tendência autoritária e superada. Posicionou-se a favor do liberalismo, não como solução para o proletariado, mas como premissa para maturação das forças produtivas (produtividade do trabalho) das condições positivas e negativas da emancipação proletária, como a da homogeneização da condição proletária internacional gerado pela "globalização" do capital. Sua visão política era profundamente marcada pelas condições que o desenvolvimento econômico ofereceria para a emancipação proletária, tanto em sentido negativo (desemprego), como em sentido positivo (em que o próprio capital centralizaria a economia, exemplo: multinacionais).^[carece de fontes?]

A práxis

Na lógica da concepção materialista da História não é a realidade que move a si mesma, mas comove os atores, trata-se sempre de um "drama histórico" (termo que Marx usa em *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*) e não de um "determinismo histórico" que cairia num materialismo mecânico (positivismo), oposto ao materialismo dialético de Marx. O materialismo dialético, histórico, poderia também ser definido como uma "dialética realidade-idealidade evolutiva". Ou seja, as relações entre a realidade e as ideias se fundem na práxis, e a práxis é o grande fundamento do pensamento de Marx. Pois sendo a história uma produção humana, e sendo as ideias produto das circunstâncias em que tais ideais brotaram, fazer história racionalmente é a grande meta. E o próprio fazer da história que criará suas condições objetivas e subjetivas adjacentes, já que a objetividade histórica é produto da humanidade (dos homens associados, luta política, etc). E assim, Marx finaliza as *Teses sobre Feuerbach*, não se trata de interpretar diferentemente o mundo, mas de transformá-lo. Pois a própria interpretação está condicionada ao mundo posto, só a ação revolucionária produz a transcendência do mundo vigente.^[carece de fontes?]

O Capital

A grande obra de Marx é *O Capital*, na qual trata de fazer uma extensa análise da sociedade capitalista. É predominantemente um livro de Economia Política, mas não só. Nesta obra monumental, Marx discorre desde a economia, até a sociedade, cultura, política, filosofia. É uma obra analítica, sintética, crítica, descritiva, científica, filosófica, etc. Uma obra de difícil leitura, ainda que suas categorias não tenha a ambiguidade especulativa própria da obra de Hegel, no entanto, uma linguagem pouco atraente e nem um pouco fácil. Dentro da estrutura do pensamento de Marx, só uma obra como *O Capital* é o principal conhecimento, tanto para a humanidade em geral, quanto para o proletariado em particular, já que através de uma análise radical da realidade que está submetido, só assim poderá se desviar da ideologia dominante ("a ideologia dominante" é sempre da "classe dominante"), como poderá obter uma base concreta para sua luta política. Sobre o caráter da abordagem econômica das formações societárias humanas, afirmou A. de Walhens: "O marxismo é um esforço para ler, por trás da pseudo-imediaticidade do mundo econômico

reificado as relações inter-humanas que o edificaram e se dissimularam por trás de sua obra."^[27] Cabe lembrar que O Capital é uma obra incompleta, tendo sido publicado apenas o primeiro volume com Marx vivo. Os demais volumes foram organizados por Engels e publicados posteriormente.^[carece de fontes?]

A mais-valia

O conceito de *Mais-valia* foi empregado por Karl Marx para explicar a obtenção dos lucros no sistema capitalista. Para Marx o trabalho gera a riqueza, portanto, a mais-valia seria o valor extra da mercadoria. A diferença entre o que o empregado produz e o que ele recebe. Os operários em determinada produção produzem bens (ex: 100 carros num mês), se dividirmos o valor dos carros pelo trabalho realizado dos operários teremos o valor do trabalho de cada operário. Entretanto os carros são vendidos por um preço maior, esta diferença é o lucro do proprietário da fábrica, a esta diferença Marx chama de valor excedente ou maior, ou **mais-valor**. (Singer, Paul. Marx – Economia in: Coleção Grandes Cientistas Sociais; Vol 31.)

A Ideologia Alemã

Na obra *Ideologia Alemã*, Marx apresenta cuidadosamente os pressupostos de seu novo pensamento. No Manifesto Comunista apresenta sua tese política básica. Na *Questão Judaica* apresenta sua crítica religiosa, que diz que não se deve apresentar questões humanas como teológicas, mas as teológicas como questões humanas. E que afirmar ou negar a existência de Deus, são ambas teologia. O ponto de vista deve ser sempre o de ver as religiões como reflexões humanas fantasiosas de si mesmo, mas que representa a condição humana real a que está submetido. Na *Crítica ao Programa de Gotha*, Marx faz a mais extensa e sistemática apresentação do que seria uma sociedade socialista, ainda que sempre tente desviar desse tipo de "futurologia", por não ser rigorosamente científica. Em *A Guerra Civil na França*, Marx supera todas as suas tendências jacobinas de antes, e defende claramente que só com o fim do Estado o proletariado oferece a si mesmo as condições de manter o próprio poder recém conquistado, e o fim do Estado é literalmente o "povo em armas", ou seja, o fim da "monopólio da violência" que o Estado representa. Em *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*, já está uma profunda análise sobre o terror da "burocracia" e como esta representa a camada camponesa, que por sua própria condição (como ele explica) tem tendências autoritárias.^[parágrafo carece de fontes]

Colaboração de Engels

Engels exerceu significativa influência sobre as reflexões intelectuais de Marx, principalmente no início da associação entre ambos, período em que Engels dirigiu a atenção de Marx para a Economia Política e a história econômica da Europa. Após a morte deste, Engels tornou-se não só o organizador dos muitos manuscritos incompletos e/ou inéditos legados, mas também o primeiro intérprete e sistematizador das ideias de Marx. Engels igualmente se ocupou, desde bem antes do falecimento de seu amigo, de redigir exposições em termos populares das ideias de Marx visando facilitar sua difusão.^[14]

Críticas

A crítica ao pensamento de Marx iniciou-se desde a publicação de suas primeiras obras e prossegue - principalmente entre seus seguidores e intelectuais preocupados em conhecer, desenvolver e discutir a atualidade de suas ideias.

Em *Miséria do historicismo* (1935, 1944), Karl Popper discorda de Marx quanto à história ser regida por leis que, se compreendidas, podem servir para se antecipar o futuro. Segundo Popper, a história não pode obedecer a leis e a ideia de "lei histórica" é uma contradição em si mesma. Já em *A sociedade aberta e seus inimigos* (1945), Popper afirma que o historicismo conduz necessariamente a uma sociedade "tribal" e "fechada", com total desprezo pelas liberdades individuais.

Todavia há dúvidas se Marx teria realmente baseado sua teoria em um "historicismo", nos termos colocados por Popper. Argumenta-se que Marx, seguindo uma tradição inaugurada por Maquiavel e Hobbes, busca nos interesses e

necessidades concretas dos indivíduos, ao longo da História, a causa fundamental das ações humanas - em oposição às ideias políticas e morais abstratas. Ele não parece supor que esta busca de realização de interesses tenha consequências predeterminadas. Tal interpretação, provavelmente influenciada pelo evolucionismo darwinista, na exegese póstuma do pensamento marxiano, é creditada ao "papa" da Social-Democracia alemã, Karl Kautsky, no final do século XIX. A interpretação kautskista seria contestada, de várias formas, por Bernstein, Rosa Luxemburgo, Lenin, Trotsky e Gramsci, entre outros.

Popper considera Marx como "não-científico" também porque sua teoria não é passível de contestação. Uma teoria científica tem que ser falseável - caso contrário, é incluída no campo das crenças ou ideologias. Resta saber, é claro, se afirmações sobre fatos históricos, necessariamente únicos, podem ser, nos termos de Popper, falsificáveis. (A crítica de Popper não tem esse sentido, ela faz referência ao fato de Marx afirmar que as críticas ao Comunismo são feitas por burgueses com interesses contrários, ou seja, qualquer crítica ao Comunismo tem uma explicação: é feita por um burguês. Dessa forma a teoria não é falseável, ninguém pode dizer que é falsa porque quem diz o faz por interesse burguês.)

Ludwig von Mises, em *Ação Humana – um tratado de Economia* (1949), demonstrou a impossibilidade de se organizar uma economia nos moldes socialistas, pela ausência do sistema de preços, que funciona como sinalizador aos empreendedores acerca das necessidades dos consumidores. Mises também refinou argumentos formulados por Eugen von Böhm-Bawerk na obra *Marxism Unmasked: From Delusion to Destruction*.

Raymond Aron, em *O ópio dos intelectuais* de (1955) criticou de forma agressiva os intelectuais seguidores de Marx e condenou a teoria da revolução e o determinismo histórico.

Eric Voegelin talvez seja um dos críticos mais severos de Karl Marx. No seu livro *Reflexões Autobiográficas* relata que, induzido pela onda de interesse sobre a Revolução Russa de 1917, estudou *O Capital* de Marx e foi marxista entre agosto e dezembro de 1919. Porém, durante seu curso universitário, ao estudar disciplinas de teoria econômica e história da teoria econômica aprendera o que estava errado em Marx.

Voegelin afirma que Marx comete uma grave distorção ao escrever sobre Hegel. Como prova de sua afirmação cita os editores dos *Frühschriften* [Escritos de Juventude] de Karl Marx (Kröner, 1955), especialmente Siegfried Landshut, que dizem o seguinte sobre o estudo feito por Marx da *Filosofia do Direito* de Hegel:

"Ao equivocar-se deliberadamente sobre Hegel, se nos é dado falar desta maneira, Marx transforma todos os conceitos que Hegel concebeu como predicados da ideia em anunciados sobre fatos".

Para Voegelin, ao equivocar-se deliberadamente sobre Hegel, Marx pretendia sustentar uma ideologia que lhe permitisse apoiar a violência contra seres humanos afetando indignação moral e, por isso, Voegelin considera Karl Marx um mistificador deliberado. Afirma que o charlatanismo de Marx reside também na terminante recusa de dialogar com o argumento etiológico de Aristóteles. Argumenta que, embora tenha recebido uma excelente formação filosófica, Marx sabia que o problema da etiologia na existência humana era central para uma filosofia do homem e que, se quisesse destruir a humanidade do homem fazendo dele um "homem socialista", Marx precisava repelir a todo custo o argumento etiológico.

Segundo Voegelin, Marx e Engels enunciam um disparate ao iniciarem o *Manifesto Comunista* com a afirmação categórica de que toda a história social até o presente foi a história da luta de classes. Eles sabiam, desde o colégio, que outras lutas existiram na história, como as Guerras Médicas, as conquistas de Alexandre, a Guerra do Peloponeso, as Guerras Púnicas e a expansão do Império Romano, as quais decididamente nada tiveram de luta de classes.

Voegelin diz que Marx levanta questões que são impossíveis de serem resolvidas pelo "homem socialista". Também alega que Marx conduz a uma realidade alternativa, a qual não tem necessariamente nenhum vínculo com a realidade objetiva do sujeito. Segundo Voegelin, quando a realidade entra em conflito com Marx, ele descarta a realidade.

Finalmente, uma questão de ordem prática, iniciada décadas atrás, foi suscitada pelo stalinismo, notadamente os expurgos, os *gulags* e o genocídio na antiga União Soviética, que tiveram grande repercussão sobre o pensamento

marxista europeu e os partidos comunistas ocidentais. Discutia-se até que ponto Marx poderia ser responsabilizado pelas diferentes "leituras" de sua obra (e respectivos efeitos colaterais) ou se tais práticas seriam resultantes de uma visão deturpada das ideias marxianas. Com o final da guerra fria, o debate tornou-se menos polarizado. Todavia a discussão acerca do futuro do capitalismo - ou da Humanidade - prossegue.

Obras

- [1] BBC Radio 4 (2005). *Karl Marx - Winner of the greatest philosopher vote* (http://www.bbc.co.uk/radio4/history/inourtime/inourtime_20050714.shtml). Página visitada em 14 de dezembro de 2008.
- [2] BOITEMPO, Editorial. Cronologia resumida de Karl Marx e Friedrich Engels contida em edição de *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007
- [3] Neste ano Bruno Bauer foi expulso da cátedra de Teologia da Universidade de Bonn acusado de ateísmo; isso representou, para Marx, um impedimento virtual a uma possível carreira acadêmica devido ao fato de ser conhecido como "seguidor" de Bauer. Cf. BOITEMPO, Editorial. Cronologia resumida de Karl Marx e Friedrich Engels contida em edição de *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007
- [4] ESPÍNDOLA, Arlei de. *Karl Marx e a Gazeta Renana* (http://www.ssrevista.uel.br/c_v6n1_arlei.htm). Página visitada em 24 de Janeiro de 2009.
- [5] ENGELS, F. (1892) Biography of Marx (<http://trotsky.org/archive/marx/works/1892/11/marx.htm>). Primeira publicação em *Handwörterbuch der Staatswissenschaften*.
- [6] MALTSEV, Yuri N.(editor) (1993) *Requiem for Marx* (<http://www.mises.org/books/requiem.pdf>), Ludwig von Mises Institute, p.91-96 ISBN 0-945466-13-7.
- [7] *Karl Marx, Teoria e Práxis de um Gênio das Ciências Sociais* (<http://filosofiacienciaevida.uol.com.br/ESFI/Edicoes/16/artigo66044-1.asp>). Página visitada em 24 de Janeiro de 2009.
- [8] KONDER, Leandro. *O Futuro da Filosofia da Práxis*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1992
- [9] MALTSEV, Y. (1993), p. 451.
- [10] Marxist Internet Archive (2008). *Karl Marx's funeral* (<http://www.marxists.org/archive/marx/works/1883/death/dersoz1.htm>). Página visitada em 14 de dezembro de 2008.
- [11] Wheen, Francis. *Karl Marx: A Life*. [S.l.]: New York: Norton, 2002. Introduction p.
- [12] Veja fotografia da tumba.
- [13] Em inglês, "Workers of the world, unite! e "The philosophers have only interpreted the world in various ways - the point however is to change it".
- [14] BOTTOMORE, Tom. *Marxismo e Sociologia*. In: Nisbet, Robert; Bottomore, Tom. História da análise sociológica Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980, capítulo quatro.
- [15] IANNI, Octavio. *Dialética e capitalismo – ensaio sobre o pensamento de Marx*. Petrópolis: Vozes, 1982, p. 9-10.
- [16] IANNI, Octavio. *Dialética e capitalismo – ensaio sobre o pensamento de Marx*. Petrópolis: Vozes, 1982, p. 10.
- [17] BOTTOMORE, Tom (editor). Dicionário do pensamento marxista. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001
- [18] ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins, 2001.
- [19] KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, primeira parte.
- [20] MARX, Karl. *El Capital*, 3 tomos. México: Fondo de Cultura Económica, 1946, tomo I, p. 18. *Apud* IANNI, Octavio. *Dialética e capitalismo – ensaio sobre o pensamento de Marx*. Petrópolis: Vozes, 1982, p. 11.
- [21] LENIN, V. I. *Obras escolhidas*, 1972, volume 38, p. 180.
- [22] Importante, contudo, destacar uma diferença primordial: para os socialistas utópicos em geral, todo o comportamento humano é absolutamente determinado pela moral/ideologia; já para Marx, essa afirmação é parcialmente verdadeira, pois a moral/ideologia encontra-se ela também submetida a uma outra condição anterior que lhe determina – a dimensão material da reprodução da existência.
- [23] IANNI, Octavio. *Dialética e capitalismo – ensaio sobre o pensamento de Marx*. Petrópolis: Vozes, 1982, p. 12-13.
- [24] LESBAUPIN, Ivo. *Marxismo e religião*. In: Teixeira, F. (org.). Sociologia da religião. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- [25] MAGALHÃES, Fernando. *10 lições sobre Marx*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- [26] MARX, Karl. *Contribuição para a crítica da economia política* (<http://marxists.org/portugues/marx/1859/01/prefacio.htm>) (em português) [*Zur Kritik der Politischen Oekonomie*]. Prefácio. Página visitada em 22 de abril de 2010.
- [27] WALHENS, A de. *L'idée phénoménologique d'intentionnalité*, in *Husserl et la pensée moderne*. Haia: 1959, pp. 127-128. *Apud* KOSIK, K. *Dialética do Concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, p. 17.


Ligações externas


- Artigo sobre Karl Marx (http://www.pensamentoeconomico.ecn.br/economistas/karl_marx.html) (em português)
- Vida e obra de Karl Marx (<http://www.karlmarx.com.br/>) (em português)
- Marx e a Filosofia: elementos para a discussão ainda necessária (http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-63512006000200005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt) (em português) artigo publicado na revista Nova Economia
- Obras de Karl Marx (<http://www.zeno.org/Philosophie/M/Marx,+Karl>) (em alemão) Zeno.org
- Liga dos Comunistas (<http://www.marxists.org/portugues/marx/1850/03/mensagem-liga.htm>)
- Artigo de F. Engels em homenagem a socialista Helena Demuth 22 de Novembro de 1890 em The People's Press (<http://trotsky.org/archive/marx/bio/family/demuth/obitry.htm>)

Karl Marx - Textos Integrais

- Marxists Internet Archive (<http://www.marxists.org/portugues/marx/index.htm>) (em português e em inglês)
- Entrevista com Karl Marx, líder da Internacional, de 18 Julho de 1871. Nova York. (<http://www.hartford-hwp.com/archives/26/020.html>) (em inglês)
- Narração em áudio do Manifesto e das Teses de Feuerbach, em inglês e alemão. Projeto de gravação de todas as obras do autor (<http://librivox.org/newcatalog/search.php?title=&author=Karl+Marx&action=Search>) (em inglês)
- Escritos de Karl Marx (<http://www.zeno.org/Philosophie/M/Marx,+Karl>) (em alemão)
- Biblioteca Comunista Libertária - Arquivo Karl Marx (<http://libcom.org/tags/karl-marx>) (em inglês)
- Marx's Mathematical Manuscripts (<http://trotsky.org/archive/marx/works/1881/mathematical-manuscripts/index.htm>) (em inglês) - Livro de Cálculo Diferencial e Integral (matemática) que Marx escreveu em 1881

Émile Durkheim

Émile Durkheim	
	
Nascimento	15 de abril de 1858 Épinal, França
Morte	15 de novembro de 1917 (59 anos) Paris, França

Nacionalidade	Francês 
Ocupação	Acadêmico, sociólogo, antropólogo, filósofo
Escola/tradição	Positivismo, Funcionalismo, Evolucionismo
Principais interesses	Sociologia, Antropologia, Ciência, Epistemologia, Religião, Suicídio, Educação, Direito, Ética
Ideias notáveis	Fato Social, Consciência coletiva, Anomia
Influências	
Influenciados	

Émile Durkheim (Épinal, 15 de abril de 1858 — Paris, 15 de novembro de 1917) é considerado um dos pais da sociologia moderna. Durkheim foi o fundador da escola francesa de sociologia, posterior a Marx, que combinava a pesquisa empírica com a teoria sociológica. É amplamente reconhecido como um dos melhores teóricos do conceito da coesão social.

Partindo da afirmação de que "os fatos sociais devem ser tratados como coisas", forneceu uma definição do normal e do patológico aplicada a cada sociedade, em que o normal seria aquilo que é ao mesmo tempo obrigatório para o indivíduo e superior a ele, o que significa que a sociedade e a consciência coletiva são entidades morais, antes mesmo de terem uma existência tangível. Essa preponderância da sociedade sobre o indivíduo deve permitir a realização desse, desde que consiga integrar-se a essa estrutura.

Para que reine certo consenso nessa sociedade, deve-se favorecer o aparecimento de uma solidariedade entre seus membros. Uma vez que a solidariedade varia segundo o grau de modernidade da sociedade, a norma moral tende a tornar-se norma jurídica, pois é preciso definir, numa sociedade moderna, regras de cooperação e troca de serviços entre os que participam do trabalho coletivo (preponderância progressiva da solidariedade orgânica).

A sociologia fortaleceu-se graças a Durkheim e seus seguidores. Suas principais obras são: *Da divisão do trabalho social* (1893); *Regras do método sociológico* (1895); *O suicídio* (1897); *As formas elementares de vida religiosa* (1912). Fundou também a revista *L'Année Sociologique*, que afirmou a preeminência durkheimiana no mundo inteiro.

Biografia

Émile Durkheim nasceu em Épinal, na Alsácia no dia 15 de abril de 1858. Descendente de uma família judia. Iniciou seus estudos filosóficos na Escola Normal Superior de Paris, indo depois para Alemanha. Ainda moço decidiu não seguir o caminho dos familiares levando, pelo contrário, uma vida bastante secular. Em sua obra, por exemplo, explicava os fenômenos religiosos a partir de fatores sociais e não divinos. Tal fato não o afastou, no entanto, da comunidade judaica. Muitos de seus colaboradores, entre eles seu sobrinho Marcel Mauss formaram um grupo que ficou conhecido como escola sociológica francesa. Entrou na École Normale Supérieure em 1879 juntamente com Jean Jaurès e Henri Bergson. Durante estes estudos teve contatos com as obras de August Comte e Herbert Spencer que o influenciaram significativamente na tentativa de buscar a cientificidade no estudo das humanidades. Suas principais obras são: *Da divisão do trabalho social*, *As regras do método sociológico*, *O suicídio*, *Formas elementares da vida religiosa*, *Educação e sociologia*, *Sociologia e filosofia*.

Pensamento

Durkheim formou-se em Filosofia, porém sua obra inteira é dedicada à Sociologia. Seu principal trabalho é na reflexão e no reconhecimento da existência de uma "Consciência Coletiva". Ele parte do princípio que o homem seria apenas um animal selvagem que só se tornou Humano porque se tornou sociável, ou seja, foi capaz de aprender hábitos e costumes característicos de seu grupo social para poder conviver no meio deste.

A este processo de aprendizagem, Durkheim chamou de "Socialização", a consciência coletiva seria então formada durante a nossa socialização e seria composta por tudo aquilo que habita nossas mentes e que serve para nos orientar como devemos ser, sentir e nos comportar. E esse "tudo" ele chamou de "Fatos Sociais", e disse que esses eram os verdadeiros objetos de estudo da Sociologia.

Nem tudo que uma pessoa faz é um fato social, para ser um fato social tem de atender a três características: generalidade, exterioridade e coercitividade. Isto é, o que as pessoas sentem, pensam ou fazem independente de suas vontades individuais, é um comportamento estabelecido pela sociedade. Não é algo que seja imposto especificamente a alguém, é algo que já estava lá antes e que continua depois e que não dá margem a escolhas.

O mérito de Durkheim aumenta ainda mais quando publica seu livro "As regras do método sociológico", onde define uma metodologia de estudo, que embora sendo em boa parte extraída das ciências naturais, dá seriedade à nova ciência. Era necessário revelar as leis que regem o comportamento social, ou seja, o que comanda os fatos sociais.

Em seus estudos, os quais serviram de pontos expiatórios para os inícios de debates contra Gabriel Tarde (o que perdeu praticamente até o fim de sua carreira), ele concluiu que os fatos sociais atingem toda a sociedade, o que só é possível se admitirmos que a sociedade é um todo integrado. Se tudo na sociedade está interligado, qualquer alteração afeta toda a sociedade, o que quer dizer que se algo não vai bem em algum setor da sociedade, toda ela sentirá o efeito. Partindo deste raciocínio ele desenvolve dois dos seus principais conceitos: Instituição social e Anomia.

A instituição social é um mecanismo de proteção da sociedade, é o conjunto de regras e procedimentos padronizados socialmente, reconhecidos, aceitos e sancionados pela sociedade, cuja importância estratégica é manter a organização do grupo e satisfazer as necessidades dos indivíduos que dele participam. As instituições são, portanto, conservadoras por essência, quer seja família, escola, governo, polícia ou qualquer outra, elas agem fazendo força contra as mudanças, pela manutenção da ordem.

Durkheim deixa bem claro em sua obra o quanto acredita que essas instituições são valorosas e parte em sua defesa, o que o deixou com uma certa reputação de conservador, que durante muitos anos causou antipatia a sua obra. Mas Durkheim não pode ser meramente tachado de conservador, sua defesa das instituições se baseia num ponto fundamental, o ser humano necessita se sentir seguro, protegido e respaldado. Uma sociedade sem regras claras (num conceito do próprio Durkheim, "em estado de anomia"), sem valores, sem limites leva o ser humano ao desespero. Preocupado com esse desespero, Durkheim se dedicou ao estudo da criminalidade, do suicídio e da religião. O homem que inovou construindo uma nova ciência inovava novamente se preocupando com fatores psicológicos, antes da existência da Psicologia. Seus estudos foram fundamentais para o desenvolvimento da obra de outro grande homem: Freud.

Basta uma rápida observação do contexto histórico do século XIX, para se perceber que as instituições sociais se encontravam enfraquecidas, havia muito questionamento, valores tradicionais eram rompidos e novos surgiam, muita gente vivendo em condições miseráveis, desempregados, doentes e marginalizados. Ora, numa sociedade integrada essa gente não podia ser ignorada, de uma forma ou de outra, toda a sociedade estava ou iria sofrer as consequências. Aos problemas que ele observou, ele considerou como patologia social, e chamou aquela sociedade doente de "Anomana". A anomia era a grande inimiga da sociedade, algo que devia ser vencido, e a sociologia era o meio para isso. O papel do sociólogo seria, portanto, estudar, entender e ajudar a sociedade.

Na tentativa de "curar" a sociedade da anomia, Durkheim escreve "Da divisão do trabalho social", onde ele descreve a necessidade de se estabelecer uma solidariedade orgânica entre os membros da sociedade. A solução estaria em,

seguindo o exemplo de um organismo biológico, onde cada órgão tem uma função e depende dos outros para sobreviver, se cada membro da sociedade exercer uma função na divisão do trabalho, ele será obrigado através de um sistema de direitos e deveres, e também sentirá a necessidade de se manter coeso e solidário aos outros. O importante para ele é que o indivíduo realmente se sinta parte de um todo, que realmente precise da sociedade de forma orgânica, interiorizada e não meramente mecânica.

Émile Durkheim morreu em 15 de novembro de 1917 em Paris.




Principais obras

- *Da divisão do trabalho social*, 1893;
- *Regras do método sociológico*, 1895;
- *A Lei do Come e Mata*, 1896;
- *As coisas do nosso mundo atual*, 1896;
- *O homem*, 1897;
- *Sociedade e trabalho*, 1907;
- *O que fomos nós nas nossas vidas antepassadas?*, 1910;
- *As formas elementares de vida religiosa*, 1912;

Referências bibliográficas

- Durkheim, E. *As regras do método sociológico*. São Paulo, Ed. Martin Claret, 2002.
- Aron, R. *As etapas do pensamento sociológico*. (págs: 297 a 369)
- Goldman, L. *Ciências humanas e filosofia*. São Paulo, Ed. Difel. 1968 (págs: 27 a 70)
- Martins, J. de S. *Ideologia e sociedade*. Rio, 1930 (págs: 23 a 45).
- Costa, Cristina *Sociologia*. 2. ed. São Paulo : Moderna, 1997
- Fauconnet, Paul. *EMILE DURKHEIM - Educação e Sociologia*. 12 ed. Trad. Lourenço Filho. São Paulo: Melhoramentos, 1978. 91 p.

Max Weber

Maximilian Carl Emil Weber	
	
Max Weber em 1894	
Nascimento	21 de abril de 1864 Erfurt,  Alemanha
Morte	14 de junho de 1920 (56 anos) Munique,  Alemanha
Nacionalidade	Alemã
Ocupação	Jurista, economista e sociólogo
Principais trabalhos	<ul style="list-style-type: none">Economia e Sociedade* A Ética Protestante e o "Espírito" do Capitalismo
Cônjuge	Marianne Schnitger

Maximilian Weber (Erfurt, 21 de Abril de 1864 — Munique, 14 de Junho de 1920) foi um intelectual alemão, jurista, economista e considerado um dos fundadores da Sociologia. Seu irmão foi o também famoso sociólogo e economista Alfred Weber. A esposa de Max Weber, Marianne Weber, biógrafa do marido, foi uma das alunas pioneiras na universidade alemã e integrava grupos feministas de seu tempo.

É considerado um dos fundadores do estudo moderno da sociologia, mas sua influência também pode ser sentida na economia, na filosofia, no direito, na ciência política e na administração. Começou sua carreira acadêmica na Universidade Humboldt, em Berlim e, posteriormente, trabalhou na Universidade Albert Ludwigs, de Freiburg, na Universidade de Heidelberg, na Universidade de Viena e na Universidade de Munique. Personagem influente na política alemã da época, foi consultor dos negociadores alemães no Tratado de Versalhes (1919) e da Comissão encarregada de redigir a Constituição de Weimar.

Grande parte de seu trabalho como pensador e estudioso foi reservado para o chamado processo de racionalização e desencantamento que provém da sociedade moderna e capitalista. Mas seus estudos também deram contribuição importante para a economia. Sua obra mais famosa é o ensaio *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, com o qual começou suas reflexões sobre a sociologia da religião. Weber argumentou que a religião era uma das razões não-exclusivas do porque as culturas do Ocidente e do Oriente se desenvolveram de formas diversas, e salientou a importância de algumas características específicas do protestantismo ascético, que levou ao nascimento do capitalismo, a burocracia e do estado racional e legal nos países ocidentais. Em outro trabalho importante, *Política*

como vocação, Weber definiu o Estado como "uma entidade que reivindica o monopólio do uso legítimo da força física", uma definição que se tornou central no estudo da moderna ciência política no Ocidente. Em suas contribuições mais conhecidas são muitas vezes referidas como a "Tese de Weber".

Biografia

Foi o primogênito de oito filhos de Max Weber e Helene Fallenstein. Seu pai, protestante, era uma figura autocrata. Sua mãe uma calvinista moderada. Sua mãe Helene tinha sido uma huguenote, francesa, cuja família fugira da perseguição na França. Ele foi, juntamente com Karl Marx, Vilfredo Pareto, Augusto Comte e Émile Durkheim, um dos modernos fundadores da Sociologia. É conhecido sobretudo pelo seu trabalho sobre a Sociologia da religião[1].

Seu pai, Sr. Max Weber, fpublico e político liberal; a mãe, Helene Fallenstein, uma calvinista moderada. Max foi o primeiro de sete filhos, incluindo seu irmão Alfred Weber, quatro anos mais jovem, também sociólogo, mas, sobretudo, um economista, que também desenvolveu uma importante sociologia da cultura. A família estimulou intelectualmente os jovens Weber desde a tenra idade.

Em 1882 Max Weber matriculou-se na Faculdade de Direito da Universidade de Heidelberg, onde seu pai havia estudado, freqüentando também cursos de economia política, história e teologia. Em 1884 voltou para casa paterna e se transferiu para a Universidade de Berlim, onde obteve em 1889 o doutorado em Direito e em 1891 a tese de habilitação, ambos com escritos da história do direito e da economia.

Depois de completar estudos jurídicos, econômicos e históricos em várias universidades, se distingue precocemente em algumas pesquisas econômico-sociais com a Verein für Sozialpolitik, a associação fundada em 1873 pelos economistas associados à Escola Histórica Alemã em que Weber já tinham aderido em 1888. Em 1893 casou-se com Marianne Schnitger, mais tarde uma feminista e estudiosa, bem como curadora póstuma das obras de seu marido.

Foi nomeado professor de Economia nas universidades de Freiburg em 1894 e de Heidelberg em 1896. Entre 1897, ano em que seu pai morreu, e 1901 sofreu de uma aguda depressão, de modo que do final de 1898 ao final de 1902 não poderia realizar atividades regulares de ensino ou científicas.

Curado, no Outono de 1903 renunciou ao cargo de professor e aceitou uma posição como diretor-associado do recém-nascido *Archiv für und Sozialwissenschaft Sozialpolitik* (Arquivos de Ciências Sociais e Política Social), com Edgar Jaffé e Werner Sombart como colegas: nesta revista publicaram em duas partes, em 1904 e 1905, o artigo-chave *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Naquele mesmo ano, visitou os Estados Unidos. Graças a uma enorme renda privada derivada de uma herança em 1907, ainda conseguiu se dedicar livremente e em tempo integral aos seus estudos, passando da economia ao direito, da filosofia à história comparativa e à sociologia, sem ser forçado a retornar à docência. Sua pesquisa científica abordou questões teórico-metodológicas cruciais e tratou complexos estudos histórico-sociológicos sobre a origem da civilização ocidental e seu lugar na história universal.

Durante a Primeira Guerra Mundial, serviu como diretor de hospitais militares de Heidelberg e ao término do conflito, voltou ao ensino da disciplina de economia, primeiro em Viena e em 1919 em Munique, onde dirigiu o primeiro instituto universitário de sociologia na Alemanha. Em 1918 ele estava entre os delegados da Alemanha em Versalhes para a assinatura do tratado de paz e foi conselheiro para os redatores da Constituição da República de Weimar. Morreu em 1920, atingido pela grande epidemia de gripe espanhola do pós-guerra^[2].

Escritos e obras

Dentre as influências que a obra de Weber manifesta, podemos enxergar também seu diálogo com filósofos como Immanuel Kant e Friedrich Nietzsche e com alguns dos principais sociólogos de seu tempo, como Ferdinand Tönnies, Georg Simmel e Werner Sombart, entre outros.

Dentre as principais obras do autor - organizadas postumamente pela sua esposa Marianne Weber - constam os seguintes títulos:

- 1889: A história das companhias comerciais na idade média
- 1891: O direito agrário romano e sua significação para o direito público e privado
- 1895: O Estado Nacional e a Política Econômica
- 1904: A objetividade do conhecimento na ciência política e na ciência social
- 1904: A ética protestante e o espírito do capitalismo
- 1905: A situação da democracia burguesa na Rússia
- 1905: A transição da Rússia à um regime pseudoconstitucional
- 1906: As seitas protestantes e o espírito do capitalismo
- 1913: Sobre algumas categorias da sociologia compreensiva
- 1917/1920: Ensaio Reunidos de Sociologia da Religião
- 1917: Parlamento e Governo na Alemanha reordenada
- 1917: A ciência como vocação
- 1918: O sentido da neutralidade axiológica nas ciências políticas e sociais
- 1918: Conferência sobre o Socialismo
- 1919: A política como vocação
- 1919: História Geral da Economia
- 1910/1921: Economia e Sociedade

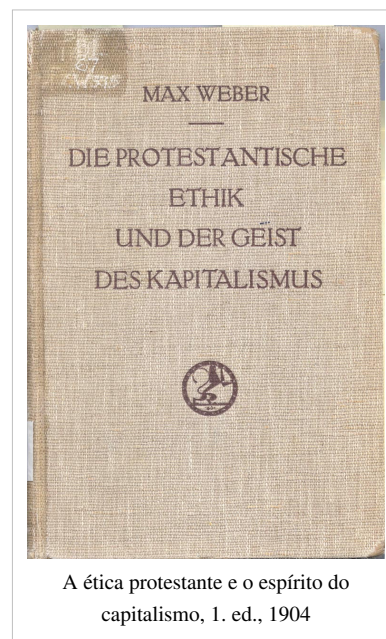
Dentre seus escritos mais conhecidos destacam-se "A ética protestante e o espírito do capitalismo" (1904), a obra póstuma "Economia e Sociedade" (1920), "A ciência como vocação" (1917) e "A política como vocação" (1919)^[3].

Primeiros trabalhos

Os primeiros textos acadêmicos de Weber estão ligados a trabalhos desenvolvidos em sua formação na estrutura universitária alemã. O primeiro trabalho propriamente dito foi sua tese de doutoramento intitulada *A história das companhias comerciais da idade média*. Esta tendência para combinar análise jurídica com análise histórica continua com seu próximo trabalho (tese de habilitação), chamado *A história agrária romana*. Aqui ele analisa a estrutura da propriedade agrária de Roma em sua fase tardia e suas repercussões na legislação pública e privada. Ainda que seja um escrito bastante técnico, ele procura contextualizar sua pesquisa no âmbito histórico, o que já demonstra a preocupação social de suas investigações.

Durante seu período como professor universitário, Weber dedicou-se ao ensino da economia política e de questões agrárias, uma de suas especialidades. Como professor de economia, ele debateu os valores e limite das principais correntes de pensamento de seu tempo: a Escola Histórica de Economia, a Escola Marginalista (predominante na Áustria) e a Escola Marxista. Neste período Weber também publicou um texto introdutório chamado "A bolsa", para divulgar e promover o entendimento do funcionamento econômico do capital financeiro.

A aproximação com os temas sociais está ligada à pesquisa empírica de Weber na região do Leste do rio Elba. Analisando processo migratório de poloneses na fronteira da Alemanha, Weber destacou as tendências da introdução do capitalismo no campo e deu especial atenção às consequências políticas daquele processo. Aplicando diversos



questionários e levantando inúmeros dados ele concluiu que o acelerado processo de modernização econômica da Alemanha estava minando a estrutura de poder da classe dirigente: a aristocracia agrária (denominada de classe Junker). Tal visão foi especialmente apresentada em uma Aula Inaugural pronunciada em 1895 e denominada *O Estado Nacional e a Política Econômica*. Neste período Weber notabilizou-se como um dos grandes especialistas de questões e problemas agrários, refletindo sobre as consequências com os reflexos do capitalismo na esfera rural.

Profundamente envolvido com a vida acadêmica, a produção de Weber sofre uma interrupção a partir de 1897. É somente depois desta fase que a produção sociológica de Weber começa a delinear-se.

A objetividade do conhecimento

Em 1903, junto com Werner Sombart e Edgar Jaffé, Weber funda o *Arquivo para a Ciência Social e a Ciência Política*. No texto que escreveu para a revista, intitulado *A objetividade do conhecimento na ciência política e social* (de 1904) ele apresentou sua posição na discussão sobre os métodos das ciências econômicas, polêmica que sacudia o mundo universitário da época.

A tradição alemã de filosofia social tinha suas origens em Immanuel Kant. Mas, a tentativa de fundamentar as ciências históricas com o pensamento kantiano só teve início com o trabalho de Wilhelm Dilthey, em 1883. A reivindicação fundamental do seu trabalho foi mostrar o estatuto ontológico diferenciado das ciências históricas e sociais diante das ciências da natureza. Na Alemanha este esforço continuou com os trabalhos de Wilhelm Windelband e Heinrich Rickert. No campo da economia, esta tendência também era representada por Gustav von Schmoller.

Rivalizando com esta escola, os seguidores da visão austríaca de pensamento econômico entendiam que a função das ciências humanas era formular leis que explicassem os fenômenos sociais. Esta posição, chamada de "positivismo" era defendida por Carl Menger.

Max Weber não se enquadrava diretamente em nenhuma destas posições. Com a escola neo-kantiana, ele concorda com o fato de que as ciências humanas lidam com o fenômeno do valor. Só analisamos aqueles elementos da realidade que tem algum sentido para nós, a partir de nossas referências de valor. Tal posição fora retirada por Weber de Heinrich Rickert. Mas, nem por isso ele rejeitava o valor da imputação causal nas ciências humanas, pois eram um instrumento indispensável para a explicação dos mecanismos de entendimento da vida social. Em síntese, Weber propunha a unificação das ciências humanas integrando a "*verstehen*" (compreensão) e a "*erklären*" (explicação) em uma visão unitária de ciência^[4].

O principal problema desta posição, contudo, é que elas colocavam em questão o valor objetivo da ciência. Weber reconheceu que toda pesquisa tem um ponto de partida subjetivo (ligado a referência de valor do pesquisador), mas entendeu que este dado não destruía a objetividade da ciência. O valor cognitivo da ciência social reside na sua capacidade de controlar a pesquisa mediante métodos sistemáticos e padronizados de trabalho. O ponto de partida da investigação até pode ser subjetivo, mas seu ponto de chegada deverá ser rigorosamente objetivo.

Alicerçado na noção kantiana de "a priori", Weber também desenvolveu a noção de "tipo ideal". Tal conceito mostra que as categorias da ciência social são uma construção subjetiva do pesquisador, feita a partir de seus interesses. Como tais, eles selecionam na realidade, sempre complexa e caótica, certos elementos que serão aglutinados como um tipo idealmente perfeito. Conceitos não emanam diretamente da realidade (visão hegeliana), nem são formados apenas por abstração de elementos comuns e genéricos (visão aristotélica), pois eles implicam acentuar determinados elementos para que eles possam ser compreendidos. Trata-se de reunir o caos inesgotável da realidade em conceito compreensíveis.

Ainda que Weber não tenha defendido uma visão rigorosamente dualista da ciência, o escrito "A objetividade do conhecimento na ciência política e na ciência social" constitui ainda hoje o principal texto para quem defende uma visão não naturalista de ciência, ou seja, que defende a tese de que as ciências humanas são essencialmente diferenciadas das demais ciências de corte empírico-natural^[5].

A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo

A *ética protestante e o 'espírito' do capitalismo*[6] é considerada a grande obra de Max Weber e é o seu texto mais lido e conhecido. A primeira parte desta obra foi publicada em 1904 e a segunda veio a público em 1905, depois da viagem do autor e de sua esposa aos Estados Unidos.

A temática das relações entre religião e capitalismo foi uma questão central do pensamento social alemão. Do ponto de vista da análise do capitalismo, o estudo de Weber foi precedido pela obra de Georg Simmel - *A filosofia do dinheiro* (1900) -, sem esquecer do escrito de Karl Marx, intitulado *O Capital* (1867). Dois anos antes da publicação do livro de Weber, seu colega Werner Sombart também publicou um livro sobre esse problema, intitulado *O capitalismo moderno* (1902). Neste criativo e rico espírito acadêmico, Weber procurou mostrar que o protestantismo de caráter ascético dos séculos XVI e XVII tinha um influxo direto com o conceito de vocação profissional, base motivacional do moderno sistema econômico capitalista. Vejamos como a tese do livro é apresentada.

No capítulo introdutório, Weber mostra a preferência educacional dos católicos por uma formação humanista, enquanto os protestantes preferiam formação técnica. Ao mesmo tempo, mostrou as diferenças profissionais entre ambos os segmentos. Weber rejeita a explicação (superficial e aparente) de que a espiritualidade católica, fundada no ascetismo, predisporia o indivíduo para o estranhamento do mundo e, desta forma, para a indiferença para com os bens deste mundo; enquanto os protestantes seriam materialistas. Alega que os puritanos se caracterizavam pelo oposto da alegria para com o mundo. Ao contrário, ele sugere que há um íntimo parentesco entre estranhamento do mundo, ascese e participação na vida aquisitiva.

O capítulo posterior trata do objeto da pesquisa, ou seja, é neste momento que ele desenvolve o tipo ideal de "espírito do capitalismo", entendido como uma individualidade histórica. Tomando como exemplo máximas colhidas de escritos de Benjamin Franklin, tais como "tempo é dinheiro" ou "dinheiro gera mais dinheiro" ou ainda "o bom pagador é dono da bolsa alheia", Weber mostra que o espírito do capitalismo não é caracterizado pela busca desenfreada do prazer e pela busca do dinheiro por si mesmo. O espírito do capitalismo deve ser entendido como uma ética de vida, uma orientação na qual o indivíduo vê a dedicação ao trabalho e a busca metódica da riqueza como um dever moral. Weber acentua claramente que o 'espírito' do capitalismo não deve ser confundido com a 'forma' do capitalismo. Por forma, Weber entende o capitalismo enquanto sistema econômico, cujo centro é representado pela empresa capitalista, reunião de meios de produção, trabalho organizado e gestão racional. Ele esclarece que as variáveis tratadas no seu livro tem a ver com a moral protestante e a dimensão atitudinal (*habitus*) que serve de base ao sistema. O espírito do capitalismo só pôde triunfar ao vencer as formas tradicionalistas de comportamento econômico.

Passo seguinte, ele dedicou-se a analisar a contribuição do luteranismo. Na tradução de Martinho Lutero, ao contrário da concepção católica, "vocação" deixa de ter o sentido de um chamado para a vida religiosa ou sacerdotal e passa a ter o sentido do chamado de Deus para o exercício da profissão no mundo do trabalho. Com Lutero o ascetismo praticado pelos monges fora do mundo é transferido das celas dos mosteiros para o mundo secular, nasce daí o ascetismo intramundano. Todavia, o próprio Max Weber reconheceu que o luteranismo ainda possui uma visão tradicionalista da vida econômica: apesar da ênfase no trabalho, a vida aquisitiva ainda não possui um valor em si mesma e o indivíduo está acomodado no seu círculo social.

Após, Weber destaca que o ponto de partida da ética econômica subjacente ao capitalismo está no protestantismo pós-luterano, nas chamadas igrejas e seitas do protestantismo ascético, tanto na sua versão calvinista (derivada de João Calvino) quanto anabatista. Do calvinismo emana a célebre tese da predestinação, dogma que afirma que apenas Deus escolhe - independente dos méritos do indivíduo - quem será salvo e quem será condenado. Diante da angústia religiosa sofrida pelo indivíduo, o trabalho e o sucesso na vida econômica surgem como compromissos do crente e como indícios (embora não meio) de certeza da salvação. Apesar desta rígida tese estar atenuada no pietismo e no metodismo, que são mais sentimentais, nas igrejas de origem calvinista a riqueza recebe uma sanção positiva da esfera religiosa. O mesmo processo pode ser verificado no âmbito das seitas que surgem do movimento anabatista (rebatizados) - como os batistas, menonitas e quakers, por exemplo - que, organizados em forma de seita, estimulam

uma vida ordenada, disciplina e regida por rígidas normas éticas.

Analisando todo o processo em seu conjunto, Weber verifica que dos dogmas e, em especial, dos impulsos morais do protestantismo, derivados após a reforma de Lutero, surge uma forma de vida de caráter metódico, disciplinado e racional. Da base moral do protestantismo surge não só a valorização religiosa do trabalho e da riqueza, mas também uma forma de vida que submete toda a existência do indivíduo a uma lógica férrea e coerente: uma personalidade sistemática e ordenada. Sem estes impulsos morais não seria possível compreender a idéia de vocação profissional, concepção que subjaz as figuras modernas do operário e do empresário. A moral específica dos círculos protestantes possuem uma relação de afinidade eletiva com o comportamento (espírito) que subjaz ao sistema econômico moderno e, ainda que este não derive apenas deste fator, trata-se de um impulso vital para o entendimento do mundo moderno contemporâneo.

No final da Ética Protestante, Weber destaca que, apesar de secularizada, ou seja, desprovida de fundamentos religiosos, a vida aquisitiva da economia moderna generalizou-se para todo conjunto da vida social: os puritanos queriam tornar-se monges, hoje todos temos que segui-los. Esta avaliação também ganha contornos críticos, pois Weber constata que a lógica da produção, do trabalho e da riqueza envolve o mundo moderno como uma "jaula de ferro" e se pergunta qual o destino dos tempos modernos: o ressurgimento de velhas idéias ou profecias ou uma realidade petrificada, até que a última tonelada de carvão fóssil seja queimada? Em tons que lembram Nietzsche, ele dirá ainda sobre os homens dos tempos atuais: especialistas sem espírito, gozadores sem coração^[7] !

Esta visão crítica do capitalismo encorajou certos pensadores marxistas (como Georg Lukács, Karl Löwith, Michael Löwy a ressaltarem algumas afinidades do seu pensamento com a visão marxista, corrente que, sem menosprezar as sensíveis diferenças entre as duas formas de pensamento, foi sendo denominada de webero-marxismo^[8]). No entanto, diferente da visão marxista, que privilegia apenas os fatores econômicos, Weber, coerente com uma visão multicausal dos fenômenos sociais, destaca seus fatores culturais e, mais tarde, enfatizará também a importância dos fatores materiais no surgimento das instituições modernas^[9].

A ética econômica das religiões mundiais

Após a década de 1910, os estudos de Weber na área da sociologia religiosa foram ampliados e ele passou a aprofundar seu conhecimento das religiões de caráter universal. Ao contrário de Durkheim, que partiu das religiões primitivas (totemismo), Weber dedica-se à análise do confucionismo e do taoísmo, do hinduísmo e do budismo, do islamismo e da religião judaica, ou seja, dos grandes sistemas religiosos da humanidade. Conforme ele esclarece no Prólogo (*Vorbemerkung*) escrito para introduzir, em termos globais, seus "*Ensaio Reunidos de Sociologia da Religião*", seu objetivo primordial consiste em entender os fenômenos centrais do racionalismo ocidental, como a ciência, a técnica, a universidade, a contabilidade, o direito, a gestão racional das empresas, a música, o Estado Burocrático e, em especial, o capitalismo moderno. Conforme explicou sua esposa Marianne Weber, a descoberta da especificidade do racionalismo moderno foi a grande inovação sociológica de Weber e ele procurou desvendar suas origens e características, destacando o papel da religião neste processo.

Introdução

O estudo de Weber dedicado às religiões universais possui um escrito preliminar de caráter metodológico, no qual ele explica que, diferente do que fez na pesquisa sobre o protestantismo (em que contemplou apenas um lado da relação causal entre idéias e interesses), nestes estudos ele mostraria a vinculação existente entre fatores materiais e fatores ideais nos processos sociais. Por isso, ao analisar os grandes sistemas religiosos e suas diferentes teodicéias, ele levaria em conta também os interesses e o papel de suas principais camadas portadoras, sejam elas populares (camadas urbanas, rurais, etc.), sejam elites políticas (burocracias), religiosas (sacerdotes) ou mesmo guerreiros.

A religião da China

O primeiro grande sistema analisado por Weber é a milenar civilização chinesa. Ele revisa os pressupostos econômicos e político do mundo chinês, o papel do imperador e das províncias e, em especial, a função dos

mandarins (burocratas), o que introduz um caráter ritualista e tradicional no confucionismo, voltado para a culto dos antepassados familiares e do imperador: o universo é entendido como uma ordem eterna - Tao - que não pode ser contestada e ao qual o indivíduo se adapta. Na China desenvolveu-se uma tendência mística chamada taoísmo, cujo fundador é Lao-Tsé, mas que foi tragada pela poderosa força da magia, razão pela qual a religião chinesa ficou imersa em um jardim mágico. Desta forma, ele não desenvolveu um potencial de racionalização prática das condutas.

Consideração Intermediária

Após analisar a religião chinesa, Weber passa ao exame das religiões de salvação, nas quais existe uma relação de tensão com o mundo: daí a necessidade de um texto intermediário que explique as diferenças entre o misticismo (predominante do mundo oriental) e o ascetismo (predominante no mundo ocidental). Neste texto ele também examina as tensões entre a ordem religiosa (regida por normas) e as ordens sociais do mundo moderno que são regidas por uma racionalidade formal e que, portanto, possuem sua legalidade própria. As esferas analisadas por Weber são a economia, a política, a arte, o erotismo e a ciência.

A religião da Índia

O sistema de castas vigente na Índia demonstra que também se trata de uma religião - chamada de hinduísmo - com fortes elementos tradicionais. As castas criam uma ordem hierárquica, no topo da qual estão os sacerdotes brahmanes, seguidos pelos guerreiros, depois os comerciantes e agricultores e, por fim, os demais trabalhadores. O intercâmbio entre os grupos sociais não é permitido e a única forma de evoluir na escala social é a roda das encarnações. O caráter sagrado das castas indianas foi rompido pela pregação de Buda. O Budismo conservou a idéia de reencarnação, mas ela se torna completamente individual e voltada para a dissolução do eu. Tal crença difundiu-se por todo Oriente e constitui a grande matriz dos sistemas religiosos orientais, que possuem um componente acentuadamente místico.

O Judaísmo Antigo

O grande processo de desencantamento religioso do mundo, ou seja, a eliminação da magia como meio de salvação, tem aqui o seu ponto de partida. O judaísmo é uma religião pária, ou seja, há um vínculo exclusivo entre o povo eleito e seu Deus Javé, isolando a religião judaica do contexto social mais amplo. A elaboração de uma lei sacerdotal, sistematizada pelos levitas e a pregação dos profetas, exigindo o cumprimento das normas, abriu caminho para uma religião de caráter prático e ético, expurgando o papel das crenças mágicas no sistema religioso. O judaísmo foi a fonte do racionalismo prático da dominação do mundo que permeia o mundo ocidental e suas diferentes instituições sociais.

Economia e Sociedade

Em 1913, Weber publicou um escrito intitulado "Sobre algumas categorias da sociologia compreensiva", primeiro esboço de seu método sociológico. Ele continuou a trabalhar sua visão de sociologia durante os próximos anos em escrito encomendado para uma ampla coleção de textos econômicos e que, por esta razão, recebeu o nome de "Economia e Sociedade". Weber trabalhou neste volume até o final de sua vida, mas ele só foi publicado postumamente por sua esposa, Marianne Weber. A versão mais conhecida deste volume póstumo e a quarta edição, organizada por Johannes Winckelmann, em 1956[10].

No primeiro capítulo desta obra, aparece como conceito fundante da teoria sociológica de Weber a categoria ação, considerado por ele o objeto da sociologia. A ação é um comportamento humano ao qual os indivíduos vinculam um significado subjetivo e a ação é social quando está relacionada com outro indivíduo. A análise da teoria weberiana como ciência tem como ponto de partida a distinção entre quatro tipos de ação social:

- A ação racional com relação a um objetivo é determinada por expectativas no comportamento tanto de objetos do mundo exterior como de outros homens e utiliza essas expectativas como condições ou meios para alcance de fins próprios racionalmente avaliados e perseguidos. É uma ação concreta que tem um fim específico, por exemplo: o

engenheiro que constrói uma ponte.

- A ação racional com relação a um valor é aquela definida pela crença consciente no valor - interpretável como ético, estético, religioso ou qualquer outra forma - absoluto de uma determinada conduta. O ator age racionalmente aceitando todos os riscos, não para obter um resultado exterior, mas para permanecer fiel a sua honra, qual seja, à sua crença consciente no valor, por exemplo, um capitão que afunda com o seu navio.
- A ação afetiva é aquela ditada pelo estado de consciência ou humor do sujeito, é definida por uma reação emocional do ator em determinadas circunstâncias e não em relação a um objetivo ou a um sistema de valor, por exemplo, a mãe quando bate em seu filho por se comportar mal.
- A ação tradicional é aquela ditada pelos hábitos, costumes, crenças transformadas numa segunda natureza, para agir conforme a tradição o ator não precisa conceber um objeto, ou um valor nem ser impelido por uma emoção, obedece a reflexos adquiridos pela prática.

Na ótica weberiana, a sociologia é essencialmente hermenêutica, ou seja, ela está em busca do significado e dos motivos últimos que os próprios indivíduos atribuem as suas ações: é neste sentido que a sociologia é sempre "compreensiva" (*verstehen*). O principal objetivo de Weber é compreender o sentido que cada pessoa dá a sua conduta e perceber assim a sua estrutura inteligível e não a análise das instituições sociais como propunha Durkheim. A análise weberiana propõe que se deve compreender, interpretar e explicar respectivamente, o significado, a organização e o sentido, bem como evidenciar regularidade das condutas. Cabe a sociologia entender como acontecem e se estabilizam as relações sociais, os grupos organizados e as estruturas coletivas da vida social.

Com este pensamento, não possuía a ideia de negar a existência ou a importância dos fenômenos sociais globais, dando importância à necessidade de entender as intenções e motivações dos indivíduos que vivenciam essas situações sociais. Ou seja, a sua ideia é que a sociedade como totalidade social é o resultado das formas de relação entre seus sujeitos constituintes. Tomando como ponto de partida da compreensão da vida social o papel do sujeito, a teoria de Max Weber é denominada de individualismo metodológico.

1. Sociologia Econômica

Durante a maior parte de sua vida acadêmica, Max Weber foi docente de disciplinas da área econômica. Aliás, seu último livro, um conjunto de notas de aula publicados por seus alunos, chama-se justamente *História Geral da Economia*. Desta forma, não é surpresa que Weber elabore uma sofisticada abordagem sociológica da vida econômica. Por esta razão, há até teóricos^[11] que defendem que, em última instância, toda obra de Weber não passa de uma teoria econômica, qual seja, uma visão sócio-histórica da vida aquisitiva.

Na sua primeira fase, seguindo a tradição marxista, Weber tendia a ver o capitalismo como um fenômeno especificamente moderno. Já em sua "Ética Protestante" (de 1904), apesar de colocar em relevo os fatores culturais da gênese da conduta capitalista, era esta visão que predominava. Mas, nas décadas seguintes, ele romperá com estas noções. Em primeiro lugar, ele insere o capitalismo (na sua fase "moderna") em um amplo processo de racionalização da cultura e da sociedade. Ou seja, enquanto fenômeno social, o capitalismo é uma das expressões da vida racionalizada da modernidade Ocidental e é similar, em sua forma racional, ao campo da política, do direito, da ciência, etc. Outra mudança importante é que Weber rompe com a definição marxista de que o capitalismo é um fenômeno exclusivo da era moderna: daí a expressão capitalismo "moderno". Para Weber, o capitalismo é um fenômeno que atravessa a história, pois a busca do lucro já pode ser localizada nas sociedades primitivas e antigas, nas grandes civilizações e mesmo nas sociedades não-ocidentais. O núcleo estruturante da atividade capitalista é a "empresa", pois a separação da esfera individual da esfera impessoal da produção permite a racionalização da organização do trabalho e mesmo das atividades de gestão destas organizações.

Com base nestas premissas, Weber construiu diferentes tipos ideais de capitalismo, como o capitalismo aventureiro, o capitalismo de Estado, o capitalismo mercantil, capitalismo comercial, etc.

As principais análises de Weber sobre o campo econômico podem ser encontradas no segundo capítulo de *Economia e Sociedade*, tópico em que ele discute a ordem social econômica. Ali ele destaca que o processo de racionalização

da atividade econômica também envolve a passagem de uma racionalidade material - na qual a vida econômica está submetida a valores de ordem ética ou política - para uma racionalidade formal, ou seja, na qual a lógica impessoal das atividades econômicas e lucrativas se torna predominante.

Por estas razões, Max Weber é considerado, atualmente, um dos precursores da sociologia econômica, conjunto de autores que se recusa a entender a vida econômica como relacionada apenas com o mercado, concebido de forma abstrata, separado de suas condições históricas, culturais e sociais.

2. Sociologia Política

Max Weber desenvolveu um importante trabalho de sociologia política através da sua teoria dos tipos de dominação^[12]. Dominação é a possibilidade de um determinado grupo se submeter a um determinado mandato. Isso pode acontecer por motivos diversos, como costumes e tradição. Weber define três tipos de dominação que se distinguem pelo caráter da dominação (pessoal ou impessoal) e, principalmente, pela diferença nos fundamentos da legitimidade. São elas: legal, tradicional e carismática.

- *Dominação legal*: a obediência está fundamentada na vigência e aceitação da validade intrínseca das normas e seu quadro administrativo é mais bem representado pela burocracia. A idéia principal da dominação legal é que deve existir um estatuto que pode ou criar ou modificar normas, desde que esse processo seja legal e de forma previamente estabelecido. Nessa forma de dominação, o dominado obedece à regra, e não à pessoa em si, independente do pessoal, ele obedece ao dominante que possui tal autoridade devido a uma regra que lhe deu legitimidade para ocupar este posto, ou seja, ele só pode exercer a dominação dentro dos limites pré-estabelecidos. Assim o poder é totalmente impessoal, onde se obedece à regra estatuída e não à administração pessoal. Como exemplo do uso da dominação legal podemos citar o Estado Moderno, o município, uma empresa capitalista privada e qualquer outra organização em que haja uma hierarquia organizada e regulamentada. A forma mais pura de dominação legal é a burocracia^[13].
- *Dominação tradicional*: Se dá pela crença na santidade de quem dá a ordem e de suas ordenações, sua ordem mais pura se dá pela autoridade patriarcal onde o senhor ordena e os súditos obedecem e na forma administrativa isso se dá pela forma dos servidores. O ordenamento é fixado pela tradição e sua violação seria um afronto à legitimidade da autoridade. Os servidores são totalmente dependentes do senhor e ganham seus cargos seja por privilégios ou concessões feitas pelo senhor, não há um estatuto e o senhor pode agir com livre arbítrio.
- *Dominação carismática*: nesta forma de dominação os dominados obedecem a um senhor em virtude do seu "carisma", ou seja, das qualidades excepcionais que lhe conferem especial poder de mando. A palavra carisma é de inspiração religiosa e, no contexto cristão, lembra os dons conferidos pelo Espírito Santo aos cristãos. A palavra foi reinterpretada em sentido sociológico como dons e carismas do próprio indivíduo e, foi nesta forma que Weber a adotou. Weber considerou o carisma uma força revolucionária na história, pois ele tinha o poder de romper as formas normais de exercício do poder. Por outro lado, a confiança dos dominados no carisma do líder é volúvel e esta forma de dominação tende para a via tradicional ou legal.

A tipologia weberiana das formas de poder político diferente claramente da tradição clássica, orientada pela discussão da teoria das formas de governo, oriunda do mundo antigo (Platão e Aristóteles). Filiado à tradição realista de pensamento, Weber também rejeita os pressupostos normativos e éticos da teoria do poder e procura descrevê-lo em suas formas efetivas de exercício. Ao demonstrar que o exercício do poder envolve a necessidade de legitimação da ordem política e, ao mesmo tempo, sua institucionalização por meio de um quadro administrativo, Weber apresentou os fundamentos básicos da sociologia política da era contemporânea.

Além de uma rigorosa e sistemática sociologia política - alicerçada em seus tipos de dominação - Max Weber foi um dos mais argutos analistas da política alemã, que analisou durante o Segundo Império Alemão e durante os anos iniciais da República de Weimar. Crítico da política de Bismarck, líder que, ao monopolizar o poder, deixou a nação sem qualquer nível de sofisticação política, Weber sempre apontou a necessidade de reconstrução da liderança política. No escrito *O Estado Nacional e a Política Econômica*, de 1895, ele já mostrava como as diferentes classes sociais não se mostravam aptas a dirigir a nação, seja pela sua decadência social (caso dos Junkers), seja pela sua

imaturidade política (caso da burguesia e do proletariado)^[14].

3. Sociologia da estratificação social

Estratificação social é a área da sociologia que se ocupa da pesquisa sobre a posição dos indivíduos na sociedade e explicação dos mecanismos que geram as distinções sociais entre os indivíduos. Ao contrário de Marx, que explicava estas diferenças apenas com base em fatores econômicos, Weber mostrou que as hierarquias e distinções sociais obedecem à lógicas diferentes na esfera econômica, social e política. Sob o aspecto econômico as classes sociais são diferenciadas conforme as chances de oportunidades de vida, escalonando os indivíduos em grupos positiva ou negativamente privilegiados. Do ponto de vista social, indivíduos e agrupamentos sociais são valorizados conforme atributos de valor, dando origem a diversos tipos de grupos de status. Diferente também é a lógica do poder, em que os indivíduos agregam-se em diferentes partidos políticos. A análise weberiana demonstra que existem diferentes mecanismos sociais de distribuição dos bens sociais, como a riqueza (classe), a honra ou prestígio social (grupos de status) e o poder (partidos) e que cada um deles cria diferentes tipos de ordenamento, hierarquização e diferenciação social.

4. Sociologia do Direito

Jurista de formação, a análise da esfera jurídica não ficou de fora das preocupações de Max Weber^[15]. Ele dedicou um amplo capítulo de *Economia e Sociedade* a este tema. O pano de fundo de toda sua reflexão sobre a esfera das normas jurídicas é a tese da racionalização da vida social, da qual o próprio direito é uma das expressões. Ao compreender historicamente a evolução do direito, Weber destaca o crescente processo de racionalização que lhe é inerente.

A racionalização do direito pode ser compreendida a partir de duas variáveis: seu caráter material ou formal ou seu caráter racional e irracional. São racionais todas as formas de legislação que seguem padrões fixos, ao contrário do caráter aleatório dos métodos irracionais. Por outro lado, o conteúdo do direito pode ser determinado por valores concretos, especialmente de caráter ético, ou obedecer a critérios de ordem interna, ligados a sistemática e ao processo jurídico em si mesmo, ou seja, a sua forma.

A apreciação weberiana do setor jurídico da vida social não se dedica apenas a entender esta esfera de forma isolada. O direito possui uma ligação direta tanto com a ordem política quanto com a ordem econômica. A evolução do direito formal é um aspecto essencial do progressivo processo de burocratização do Estado, bem como a estabilidade das normas jurídicas foi fundamental para a consolidação de uma economia de mercado, pois esta requer uma ordem de obrigações previsível. Direito, economia e política são ordens sociais de vida que estão conectados e entrelaçados de forma direta^[16].

Como teórico da evolução sócio-histórica do direito, Weber é um dos precursores do chamado direito positivista, pois ele concebia o direito formal como a forma mais avançada historicamente do sistema jurídico. Desta forma, Max Weber está na raiz de importantes teóricos como o próprio Hans Kelsen, por exemplo, considerado o maior teórico do positivismo jurídico.

Neutralidade axiológica

Nos anos finais de sua carreira, uma nova discussão dividiu os membros da intelectualidade alemã no campo das ciências humanas: o papel dos valores na atividade científica. Para os partidários mais antigos da Escola Alemã de Economia, a ciência social deveria ser uma atividade orientada para a defesa de pontos de vista fundamentados em normas, capazes de orientar a política estatal e governamental. Para os membros mais jovens da escola econômica alemã, ao contrário, a ciência não poderia ser a base para a escolha de valores que, em última instância, são escolha dos próprios indivíduos.

Max Weber era partidário desta segunda posição e a defendeu no escrito intitulado *O sentido da neutralidade axiológica nas ciências políticas e sociais*. Embora a atividade científica esteja intrinsecamente ligada ao mundo dos valores - pois toda pesquisa nasce das escolhas pessoais do pesquisador - a autoridade da ciência não pode ser

invocada para impor valores aos indivíduos. Na visão weberiana, a modernidade está atravessada por um conflito valorativo irreduzível - a guerra dos deuses e o politeísmo de valores -. Seguindo a orientação neo-kantiana, Weber isola do *Sein* do *Sollen* - ou seja, diferencia a dimensão do *ser* da dimensão do *dever ser* - e entende que teoria e prática são domínios separados. Na pesquisa social, o cientista deve isolar seus pontos de vista subjetivos - seus juízos de valor - e orientar-se pela exposição dos fatos, qual seja, deve expor juízos de fato. A ciência social deve estar livre de juízos de valores (*Wertfreiheit*).

Separar pensamento e ação, contudo, não implica sacrificar o caráter crítico da atividade científica. Ao cientista social cabe mostrar a íntima vinculação de meios e fins, mostrando como os fins determinam a escolha dos meios e, no sentido inverso, certos meios assentam-se em juízos valorativos. Sem aderir a uma posição positivista (que sobredetermina a dimensão da teoria) ou a uma posição marxista (que sobredetermina a dimensão da prática), a ciência social na ótica weberiana respeita a autonomia da dimensão do saber e do fazer sem perder o caráter crítico do conhecimento científico-social.

A ciência como vocação

As análises de Weber também contemplam o papel do conhecimento científico no mundo moderno. Na famosa conferência A ciência como vocação[17], pronunciada em 07 de novembro de 1917, em Munique, o pensador entendeu que a ciência era um dos fatores fundamentais do processo de desencantamento do mundo.

Ele comparou a situação da universidade alemã com a realidade dos Estados Unidos e advertiu seus ouvintes de que no futuro haveria um processo de americanização da vida universitária, que seria cada vez mais parecida com empresas estatais: professores assalariados e separação entre o produtor e os meios de produção. De qualquer forma, a vida do cientista e suas suas chances de promoção profissional, ainda são bastante determinadas pelo papel do acaso e da contingência. Ao mesmo tempo, os acadêmicos acabam sendo pressionados para conciliar a difícil vocação para a pesquisa e para o ensino, o que abre espaço para demagogos e diletantes.

Do ponto de vista pessoal, ele ressaltou que a vocação científica exige dedicação: quem não se especializa em alguma área jamais pode almejar sucesso. Contudo, mais do que dedicação, a vocação para a ciência também exige paixão (dedicação à causa) e, além disso, inspiração para fazer uma obra relevante. Somente quem vive voltado para a ciência pode ser chamado uma personalidade.

Do ponto de vista sociológico, Weber mostrou que a ciência faz parte de um processo histórico geral de racionalização e intelectualização da vida. Através da visão científica, a realidade é expurgada de seus elementos mágicos e o sentido último da realidade é retirado do mundo, ficando a cargo das religiões ou da própria consciência do indivíduo. Muitos autores apontam neste escrito os ecos da tese da morte de Deus, apresentada pelo filósofo Friedrich Nietzsche. Para Weber, a modernidade achava-se dilacerada por um conflito de valores - na linguagem de Weber, pela guerra dos deuses - e a escolha do sentido último da vida era uma responsabilidade pessoal que não poderia ser creditada à ciência. Ao saber científico cabe a explicação dos mecanismos de funcionamento do mundo, e não a determinação do ser verdadeiro, da verdadeira arte, da verdadeira natureza, do verdadeiro Deus ou mesmo da verdadeira felicidade.

Mas, apesar de retirar o sentido último do mundo, Weber destacou que a ciência contribui com a vida do indivíduo, ao oferecer-lhe meios de domínio prático da realidade, a capacidade de avaliar meios e fins e, acima de tudo, clareza: ou seja, meios para pensar de forma lógica, sistemática e clara.

O destino de nosso tempo é marcado pela intelectualização e pelo desencantamento do mundo. Diante desta realidade, cabe ao indivíduo escolher se quer permanecer imerso na esfera religiosa (o que exige o sacrifício do intelecto) ou se prefere arcar com as consequências de uma visão científica do mundo, na qual não existe qualquer sentido último para a vida, o mundo e o indivíduo. No mundo desencantando, o indivíduo deve dedicar-se às tarefas do dia e assumir suas responsabilidades diante da vida: esta é a única forma de dar sentido à própria existência.

A política como vocação

A visão que Weber tinha do papel do líder político na sociedade contemporânea pode ser apreciada em um de seus escritos mais famosos: A política como vocação. Após lembrar seus conceitos centrais (política, poder, Estado e os tipos de dominação), Weber discorre sobre o processo de formação do Estado Moderno (resultado da monopolização dos meios de gestão da violência), destacando como ele foi acompanhado com o surgimento de uma figura muito peculiar no Ocidente: o político profissional. Segundo o autor, a vocação política exigia certas qualidades, entre as quais ele destacou a paixão por uma causa, o senso de proporção e a responsabilidade. Longe de mover-se apenas na esfera crua da luta do poder pelo poder ("Realpolitik"), ele achava que a classe política poderia seguir parâmetros éticos de dois tipos: a ética da convicção ou a ética da responsabilidade. Assim, longe de aderir a uma política sem ética, mas sem aderir a uma visão idealista da mesma, a ética da responsabilidade que deveria orientar a ação política.

No final de sua vida, Weber debateu com intensidade os problemas da vida política alemã e apoiou a democratização plena da Alemanha. Ele julgou que o parlamento (*Parlamento e Governo na Alemanha Reordenada*, de 1917) poderia ser uma grande escola de líderes, desde que praticasse uma política positiva, com maior responsabilidade sobre o governo. Nos anos seguintes, ele apostou na meta de uma democracia plebiscitária, acreditando que um líder popular eleito diretamente pelo povo poderia encarnar a força necessária para vencer a dominação da burocracia na condução do Estado. Apesar do compromisso de Weber com a autonomia, a democracia e os princípios liberais, alguns analistas (como Jean Paul Mayer e Wolfgang Mommsen) criticaram sua visão, alegando que o liberalismo de Weber era limitado por preocupações nacionalistas. Outros intérpretes, contudo, concordam que Weber tinha uma preocupação muito aguda com os fenômenos da burocratização e que sua contribuição consistia em pensar quais os espaços possíveis de liberdade diante das transformações do capitalismo contemporâneo.

Outro tema abordado nas obras de Weber é o socialismo. Embora valorizasse a obra de Marx como um ponto de vista possível sobre a realidade, criticou o unilateralismo de sua abordagem econômica. Em conferência pronunciada em 1918 - O socialismo - ele mostrou que o socialismo representava uma continuidade do processo de burocratização que permeava o desenvolvimento da modernidade. O socialismo levaria a um futuro dominado pelo Estado, comparado por ele como uma felá do Egito, ou seja, uma situação de escravidão.

Dentre seus herdeiros diretos, podemos mencionar autores do campo jurídico e político, como Hans Kelsen e Carl Schmitt, que carregam muitas idéias da visão weberiana da democracia, do Estado e do Direito. A teoria democrática de Weber também foi desenvolvida por autores como Joseph Schumpeter e, mais tarde, encontra ecos em Robert Dahl: esta visão teórica da democracia passou a ser intitulada "elitismo democrático" ou, ainda, "pluralismo democrático". Dentre os estudiosos mais importantes da sociologia política weberiana destacam-se os nomes de Wolfgang Mommsen, Richard Bellamy, David Beetham e Anthony Giddens.

Influência Posterior

A influência de Max Weber pode ser sentida em todos os principais campos de atividades das ciências humanas e sociais. Seus conceitos, idéias e teorias fecundam, frutificam e permeiam ainda hoje estes diversos saberes.

No campo da economia, o pensamento weberiano vem sendo recuperado na atualidade e sua abordagem histórica e social dos fatos econômicos - diferente da ciência econômica hoje hegemônica, que isola e econômico do social - a chamada sociologia econômica mostra que a pesquisa de Max Weber foi pioneira na tentativa de situar a atividade aquisitiva em suas bases sociais e culturais. Seus pressupostos foram recuperados por autores como Karl Polany e Torstein Veblen, entre outros autores clássicos.

No campo da teoria política, seus conceitos fundamentais, como poder, dominação, legitimidade, carisma, partido político, etc, - orientam as discussões dos modernos politólogos e sua teoria dos tipos de dominação continua extremamente atual. Suas análises das formas burocráticas, tradicionais e carismáticas de poder ainda hoje são utilizados para entender as características da vida política no contexto da modernidade.

No campo da epistemologia das ciências sociais, Weber oferece a sistematização e fundamentação mais consistente da especificidade das ciências humanas e sociais. Todas aquelas correntes que rejeitam a submissão do campo das humanidades às regras das ciências naturais - posição chamada de naturalismo ou positivismo - partem das bases oferecidas pelo pensamento weberiano. Ao contrário da visão empírico-analítica de ciência defendida pela escola positivista, Weber estabelece o caráter hermenêutico das ciências humanas.

Finalmente, no campo da teoria sociológica, Weber deslocou a ênfase do coletivo (Durkheim) e das estruturas (Marx) para o campo do indivíduo, sendo este o ponto de partida de todas as escolas que tomam a ação social como fundamento do saber sociológico. Sua influência pode ser sentida em autores como Talcott Parsons - ainda que este, apesar de partir do tema da ação social, acabe por sacrificá-la ao âmbito dos sistemas - ou mesmo Alfred Schutz e sua fenomenologia social. Até mesmo as modernas teorias da escolha racional - que privilegiam o ator social entendido como homo oeconomicus - reconhecem sua dívida para com Max Weber.

A sociologia da religião de Max Weber, em especial, é uma referência central nesta área de estudos, e também fornece uma orientação distinta da escola francesa, centrada na noção do sagrado, tal como exposto na obra de Émile Durkheim. Em sentido mais amplo, as noções de desencantamento do mundo e de racionalização tornaram a teoria de Max Weber particularmente relevante no contexto das discussões sobre a modernidade e a pós-modernidade. Colocando a evolução histórica das vias de racionalidade no centro de sua análise, Weber é um pensador central na discussão sobre os valores e os limites do racionalismo ocidental.

Não seria exagero dizer, portanto, que Max Weber é provavelmente o autor mais influente e conhecido no âmbito das ciências sociais. Não apenas a sociologia e a ciência política moderna o têm como autor central e referência constante, mas também o direito, a economia, a administração de empresas e até a filosofia mobilizam várias de suas interpretações e ideias.

Seguidores

Dentre os principais teóricos influenciados pelo pensamento weberiano, podemos citar:

- Max Scheler
- Karl Jaspers
- Leopold von Wiese
- Karl Mannheim
- Alfred Schütz
- Ervin Goffman
- Norbert Elias
- Ernest Gellner
- David Landes
- Anthony Giddens

Nos Estados Unidos, algumas obras de Weber foram traduzidas já na década de 30, pelo eminente sociólogo Talcott Parsons. Este pensador também incorporou algumas idéias weberianas em sua "teoria voluntarista da ação" (desenvolvida em 1937). Nas décadas posteriores, contudo, a leitura parsoniana de Weber foi sendo fortemente criticada, com destaque para a coletânea de textos existentes em *From Max Weber* (1946), organizada por Charles Wright Mills e Hans Gerth. Na França, o pensamento weberiano foi difundido por Raymond Aron e Julien Freund e, mais recentemente, uma estudiosa destacada é Catherine Colliot-Thélène. Na Alemanha, Jürgen Habermas concede a Weber um papel fundamental em sua "Teoria da ação comunicativa", descrevendo a sociologia weberiana da racionalização. Outro comentador especializado e com muitas obras dedicadas ao tema é Wolfgang Schluchter.

No Brasil, além de autores clássicos como Sérgio Buarque de Holanda e Raymundo Faoro, o pensamento weberiano é descrito por estudiosos como Gabriel Cohn, Maurício Tragtenberg, José Guilherme Merquior e, atualmente, Antônio Flávio Pierucci e Jessé Souza.

Cronologia

- 21 de Abril de 1864 - Max Weber nasce em Erfurt. Os pais são o jurista e mais tarde deputado do parlamento imperial (Reichstag) pelo partido nacional-liberal, Max Weber e Helene (nascida na família Fallenstein)
- 1882-1886 - estudos de Direito, Economia Nacional, Filosofia e História
- 1889 - doutoramento em Direito
- 1892 - habilitação em direito canónico romano e direito comercial (em Berlim)
- 1893 - obteve uma posição temporária na Universidade de Berlim. Casamento com Marianne Schnitger (1870-1954), que será mais tarde activista pelos direitos da mulher e socióloga
- 1894 - assume a posição de professor de Economia na Universidade de Freiburg
- 1897 - professor de Economia Nacional na Universidade de Heidelberg
- 1898 - em virtude de uma crise familiar, Weber sofre um colapso nervoso e abandona o trabalho académico, sendo internado periodicamente até 1903
- 1904 - regressa à actividade profissional. Actividade redactorial no jornal "Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik", que se tornou o jornal líder da ciência social alemã. Weber fez neste ano uma viagem aos Estados Unidos, onde deu aulas
- 1907 - recebe uma herança que o liberta de quaisquer preocupações financeiras
- 1909 - é co-fundador da sociedade Alemã de Sociologia
- 1914-1918 - Primeira guerra mundial, em 1914, Weber acolhe entusiasticamente o início da Guerra (um nacionalismo militarista muito comum na altura, partilhado entre outros por Thomas Mann). Inscreveu-se como voluntário no exército (Reichswehr). Em 1915 mudou de ideias, tornando-se um pacifista
- 1917 - nos Colóquios de Lauenstein apela à continuação da guerra, ao mesmo tempo defendendo o retorno ao parlamentarismo
- 1918 - co-fundador do partido democrático alemão (Deutsch-Demokratische Partei; o DDP)
- 1919 - convocado como conselheiro para a delegação alemã na conferência do Tratado de Versalhes. Foi também nomeado professor de economia nacional na Universidade de Munique
- 14 de Junho de 1920 - morre em Munique vítima de uma pneumonia.

Referências Bibliográficas

- WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. São Paulo: Ed. Atlas, 1979.
- WEBER, Max. **Metodologia das Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez e Editora UNICAMP, 1992. (2 volumes)
- WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; revisão técnica de Gabriel Cohn, 3ª edição, Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1994, 2. volumes.
- WEBER, Max. **Ciência e Política : duas vocações**. São Paulo: Ed.Cultrix, 2000.
- WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- WEBER, Max. **Ciência e política: duas vocações**. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito capitalista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- COHN, Gabriel (org.). **Weber**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991. Coleção grandes cientistas sociais, n. 13.
- WEBER, Max. **História geral da economia**. São Paulo: Mestre Jou, 1968.
- WEBER, Max. Os pensadores. 2. ed. São Paulo: Nova Abril Cultural, 1980.
- WEBER, Max. **Ensayos sobre sociologia de la religión**. Madrid: Taurus, 1984, 3 vols.
- WEBER, Max. **Sobre a teoria das ciências sociais**. Tradução: Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Moraes, 1991.
- WEBER, Max. Conferência sobre o socialismo. In FRIDMAN, Luiz Carlos. **Émile Durkheim, Max Weber: o socialismo**. Relumé-Dumará, 1993, p.85-128.

- WEBER, Max. **Parlamento e governo na Alemanha reordenada**: crítica política da burocracia e da natureza dos partidos políticos. Petrópolis: Vozes, 1993.
- WEBER, Max. **História agrária romana**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- WEBER, Max. **Conceitos básicos de sociologia**. São Paulo: Centauro, 2002.
- WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Cia das Letras, 2004.
- WEBER, Max. **Estudos políticos: Rússia 1905 e 1917**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2005.

Ligações externas

- Biografia extensa ^[18] (em inglês)
- Biografia na Cultura Brasil ^[19] (em português)id=P5_W1C6UaoEC&printsec=frontcover&dq=O+desencantamento+do+mundo&hl=pt-br&ei=DKknTdTIDsP6lwfK1O+desencantamento do mundo ^[20]
- Patologias da Modernidade ^[21]

Referências

- [1] http://books.google.com.br/books?id=nJsDldUTTbYC&pg=PP1&dq=Max+Weber&hl=pt-br&ei=P14fTZZHZNW0IQfNsfmDDg&sa=X&oi=book_result&ct=book-thumbnail&resnum=5&ved=0CEEQ6wEwBA#v=onepage&q&f=false
- [2] DIGGINS, J. P. Max Weber, a política e o espírito da tragédia. Rio de Janeiro: Record, 1989.
- [3] BENDIX, Reinhard. Max Weber: um perfil intelectual. Brasília: UnB, 1986.
- [4] SAINT-PIERRE, Héctor L. Max Weber: entre a paixão e a razão. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1994.
- [5] RINGER, Fritz. K. A metodologia de Max Weber: unificação das ciências culturais e sociais. São Paulo: Edusp, 2004.
- [6] http://books.google.com.br/books?id=Twgj-Z_hlPkC&printsec=frontcover&dq=Max+Weber&hl=pt-br&ei=Q14fTY_YBoGKlwfX4bzYDA&sa=X&oi=book_result&ct=book-thumbnail&resnum=1&ved=0CC8Q6wEwAA#v=onepage&q&f=false
- [7] NOBRE, Renarde Freire. Perspectivas da razão: Nietzsche, Weber e o conhecimento. Belo Horizonte: Argumentum, 2004.
- [8] http://books.google.com.br/books?id=BWkuhOTwk2gC&printsec=frontcover&dq=Max+Weber&hl=pt-br&ei=zC8fTY7ZE8X6lwf8MTJDA&sa=X&oi=book_result&ct=book-thumbnail&resnum=6&ved=0CEMQ6wEwBTgo#v=onepage&q&f=false
- [9] GERTZ, René E. (org). Max Weber e Karl Marx. São Paulo: Hucitec, 1994.
- [10] http://books.google.com.br/books?id=i70Lx1RU8AsC&printsec=frontcover&dq=Max+Weber&hl=pt-br&ei=ai8fTc3SEoSBIaE37XcDA&sa=X&oi=book_result&ct=book-thumbnail&resnum=3&ved=0CDQ6wEwA#v=onepage&q&f=false
- [11] SWEDBERG, Richard. Max Weber e a idéia de sociologia econômica. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.
- [12] DREIFUSS, René Armand. Política, poder, Estado e força: uma leitura de Weber. Petrópolis: Vozes, 1993.
- [13] TRAGTEMBERG, Maurício. Burocracia e ideologia. 2. ed. São Paulo: Ática, 1992.
- [14] GYDDENS, Anthony. Política e sociologia no pensamento de Max Weber. Política, sociologia e teoria social: encontros com o pensamento clássico e contemporâneo. São Paulo: UNESP, 1998, p. 25-72.
- [15] AMORIM, Aluizio Bezerra de. Elementos de sociologia do direito em Max Weber. Florianópolis: Insular, 2001.
- [16] ARGÜELLO, Katie. Direito e política em Max Weber. São Paulo: Acadêmica, 1997.
- [17] http://books.google.com.br/books?id=Uvm6zVyYCYsC&printsec=frontcover&hl=pt-br&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false
- [18] <http://www.riseofthewest.net/thinkers/weber01.htm>
- [19] <http://www.culturabrasil.pro.br/weber.htm>
- [20] <http://books.google.com.br/books?>
- [21] http://books.google.com.br/books?id=8XuJxGDJ8BYC&dq=Patologias+da+Modernidade&ei=BqgnTeruG4_oUK7p2a8D&hl=pt-br

Fontes e Editores da Página

Karl Marx *Fonte:* <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?oldid=24606292> *Contribuidores:* !Silent, (roteirista) dedo, 1978, 333, 555, Adailton, Agil, Aka, Alchimista, Ale.rossetti, Alexandrepaestre, Alexg, AltCtrlDel, Alvaro Azevedo Moura, Andersonnery, AntoniusJ, Arges, Arnaldo Arnolde, Augusto Reynaldo Caetano Shereiber, Baptista alves, Batata strogonof, Belanidia, Bisbis, Braswiki, Bresson, Brizolão, Campani, Capitalista, Carlosar, Catuireal, Cern, Chico, Chicocvenancio, ChristianH, Cirobrandao, Coriakin, Crazyaboutlost, Cretino, Cícero, Daimore, Daltonagre, Dantadd, Darwinius, Davemustaine, Dcolli, Delemon, Der kenner, Deyvid Setti, Dinkuiki, Dosansil, Dr. J.J. Felix, Dvulture, Eamaral, Editor br, Eduardo.mps, Ehgbhmg, Epineiro, Eric Duff, Erico Koerich, Exutilizador, Fabsouza1, Fasouzafreitas, Fernando S. Aldado, FilRB, Filomeninha, Frajolex, Francisco Leandro, Francisco Quiumento, Fê, GOE, GRS73, Gabrielquinteiro, Gayalot, Gean, General Pehhers, Georgez, Get It, Giovane7, Giro720, Gjpab, Gunnex, Hermógenes Teixeira Pinto Filho, Herr Klugbeisser, Indech, Inox, Iratxoak, Izquierdito, JP Watrin, Javali, Jeferson, Jesielt, Jic, JoaoMiranda, Joaotg, Jordibuma, Jorge, Jorge Morais, João Carvalho, Juntas, Kaktus Kid, Killian, Kriptonis, Leandro, Leandromartinez, Leonardo.stabile, LeonardoRob0t, Leslie, Lijealso, Lindomir, Lobolins, Lucas Blade, Augusto, Luiza Teles, Luizabpr, Luís Felipe Braga, Maneco2007, Manuel Anastácio, Marcoavgdgm, Marcos Elias de Oliveira Júnior, Matheusbonibittencourt, Maurício I, Milton Dias, Missionary, Mister X, Mister8, MisterMario92, Mobyduck, Mosca, Mp roder, Mr.Yahoo!, Mrhardes, Mschindwein, NH, Nelson pt lx, Nemerson, Net Esportes, Nice poa, Niva Neto, Nunobaton, OS2Warp, OffsBlink, One People, Osias, Ozymandias, Patrick, Paulo Artung, Pauloudineti, Petrucizinho, Phoenix™, Pietro Roveri, Pinheiro, Plataformista, Porantim, Prowiki, RafaAzevedo, Rafael.roliveira, Ramisses, Rautopia, Rei-artur, Renato Remotto, Reynaldo, Rjclaudio, Rmfbeto, Robson correa de camargo, Rodrigogomesonnetwo, Rui Malheiro, Ruy Pugliesi, Ródi, Salamat, SallesNeto BR, Samuelweb, Santana-freitas, Shiryu500, Sidney Dias, Sitenl, Spoladore, Sr draco, Stathislisboa, Stegop, Stokeinos, Stuckkey, Tiago Vasconcelos, Tonyjeff, Tumnus, Túlio Vianna, Vanthorn, Vencelins, Vini 175, Viniciusmc, Vinne Oliveira, Vitor Mazuco, Vitor Palmeiras para Sempre, WellingtonSM, Xandi, Yone Fernandes, YuryCassini, Águia, 645 edições anónimas

Émile Durkheim *Fonte:* <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?oldid=24619060> *Contribuidores:* 555, Acscosta, Adailton, Agil, Amadeo, Andre v, André Koehne, André Teixeira Lima, Arges, Aritajustino, Beria, Bomba Z, Braswiki, Bybykan, Caio Brandão Costa, Carlos28, Chico, Clara C., Cícero, Daemorris, Dantadd, Dante.grisi, Darwinius, Delemon, Dédi's, E2mb0t, Ebrandao, Everton Pereira, Fasouzafreitas, Fernando S. Aldado, Fredmiguel1, Gean, Get It, Girino, GoEThe, Gteramatsu, Gunnex, Holyface, Ikescs, Indech, Inox, JP Watrin, Jaideraf, JoaoMiranda, Joaotg, Jorge, João Paulo Wolff, Juntas, Karn, Luizmedeirosmendes, Manuel Anastácio, Marcowiki, Matheusbonibittencourt, Mschindwein, Mário e Dário, OS2Warp, One People, Oswaldo Malatesta, Pediboi, Perolawall, Plataformista, Porantim, Rafael, o Galvão, Raturk, Reynaldo, Ricardo Vilhena, ThiagoRuiz, Tumnus, Underskore, Vini 175, Vitor Mazuco, Vsombra, Wproview, Yone Fernandes, 239 edições anónimas

Max Weber *Fonte:* <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?oldid=24621405> *Contribuidores:* 333, 555, Acscosta, Adailton, Afren, Agil, Alchimista, Alexanderps, Alexm35, Amats, Aoaassis, Arges, Belanidia, Beria, Bisbis, Bomba Z, Braswiki, Bresson, Brunosl, Carlos Luis M C da Cruz, Chico, ChristianH, Comando, CommonsDelinker, Daimore, Daniel Nagase, Dantadd, Darwinius, Delemon, Dtonon, Dvulture, E2mb0t, Eduardoferreira, Fasouzafreitas, Favalessa12, GOE, Gaspar gabina baltazar, Gean, Gerbilo, Get It, Gfduda, Girino, Gunnex, Higor Douglas, Imprensista, Inox, JP Watrin, Jbribeiro1, Joana xavier, JoaoMiranda, Joaotg, Jorge Morais, João Paulo Wolff, Juntas, JustaGurgel, Laobe, Leandro Ribas, Leonardo.stabile, LeonardoRob0t, Leslie, Lijealso, Lucas Blade, Lépton, MWeber, Manuel Anastácio, Maziotis, MisterSanderson, Mosca, Mschindwein, Mário Henrique, NH, Nemracc, Nice poa, Niltonbr, OS2Warp, Pbelasco, Pediboi, Phibsb, Pietro Roveri, Raonisousa, Reynaldo, Rjclaudio, Roberto Cruz, Ronaldamorim, Rubenspolaastro, RuiAlmeida, Ruy Pugliesi, Rxom, Sardur, Scott MacLean, Sinnedos, Skarawatas8, Skyhellion, Spoladore, Token, Tschulz, Tumnus, Tutta, Vanthorn, Yone Fernandes, Zedmetal, 369 edições anónimas

Fontes, Licenças e Editores da Imagem

Ficheiro:Marx color2.jpg *Fonte:* http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Ficheiro:Marx_color2.jpg *Licença:* GNU Free Documentation License *Contribuidores:* Tets, 4 edições anónimas

Ficheiro:Flag of Germany.svg *Fonte:* http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Ficheiro:Flag_of_Germany.svg *Licença:* Public Domain *Contribuidores:* User:Madden, User:Pumbaa80, User:SKopp

Ficheiro:Marx signature.gif *Fonte:* http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Ficheiro:Marx_signature.gif *Licença:* Public Domain *Contribuidores:* Delemon, Lobo, Tets, 3 edições anónimas

Ficheiro:Marx2.jpg *Fonte:* <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Ficheiro:Marx2.jpg> *Licença:* Public Domain *Contribuidores:* Fastfission, Kentin, Polarlys, Rtc

Ficheiro:Karl Marx Frau.jpg *Fonte:* http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Ficheiro:Karl_Marx_Frau.jpg *Licença:* Public Domain *Contribuidores:* User Stefan Kühn on de.wikipedia

Ficheiro:KarlMarx Tomb.JPG *Fonte:* http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Ficheiro:KarlMarx_Tomb.JPG *Licença:* Public Domain *Contribuidores:* User:JohnArmagh

Image:Marx color2.jpg *Fonte:* http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Ficheiro:Marx_color2.jpg *Licença:* GNU Free Documentation License *Contribuidores:* Tets, 4 edições anónimas

Ficheiro:Portal.svg *Fonte:* <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Ficheiro:Portal.svg> *Licença:* GNU Free Documentation License *Contribuidores:* User:Bitplane, User:Pepetps

File:Hammer and sickle transparent.svg *Fonte:* http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Ficheiro:Hammer_and_sickle_transparent.svg *Licença:* Public Domain *Contribuidores:* Denelson83, G.dallorto, Galaope, Hispalois, Juiced lemon, Koba-chan, Masturbius, Popolon, Rocket000, 2 edições anónimas

Ficheiro:Emile_Durkheim.jpg *Fonte:* http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Ficheiro:Emile_Durkheim.jpg *Licença:* Public Domain *Contribuidores:* Chico, Dittaeva, Gvf, Mu, Tets, Thierry Caro, Tony Rotondas, Vindicator, Wouterhagens, 3 edições anónimas

Ficheiro:flag of France.svg *Fonte:* http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Ficheiro:Flag_of_France.svg *Licença:* Public Domain *Contribuidores:* User:SKopp, User:SKopp, User:SKopp, User:SKopp, User:SKopp, User:SKopp

Ficheiro:Max Weber_1894.jpg *Fonte:* http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Ficheiro:Max_Weber_1894.jpg *Licença:* Public Domain *Contribuidores:* C.Löser, Kelson, Svench, Thierry Caro, 2 edições anónimas

Ficheiro:Die protestantische Ethik und der 'Geist' des Kapitalismus original cover.jpg *Fonte:* http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Ficheiro:Die_protestantische_Ethik_und_der_'Geist'_des_Kapitalismus_original_cover.jpg *Licença:* Public Domain *Contribuidores:* Cover designer unknown.

Licença

Creative Commons Attribution-Share Alike 3.0 Unported
<http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/>
